

# ESTÓRIAS DO ACASO

Joseph Taigen

ORIGINAL

O título deste texto tem por inspiração "A Música do Acaso", de Paul Auster. Vem um realizador escrito a Lisboa, chamado Paul Auster e fala na FNAC, porque terá escolhido Lisboa para filmar. Preciso de saber o que leva um americano a interessar-se por Lisboa e Portugal. Vou seguir as filmagens, talvez me desloque até ao local das filmagens, parece que é Sintra ou o Alentejo. Sai publicado no Jornal de Letras qualquer coisa sobre ele, que tem um ar pesado, deve fumar imenso, isto da associação da literatura e do tabaco está desactualizado, é anacrónico. Talvez devesse dar importância ao facto de ter a oportunidade de escrever e talvez devesse ter sabido aproveitá-la melhor. Pena é que não tenha antecedentes e veja a escrita estritamente como uma necessidade biológica subjectiva. Mesmo assim, talvez gostasse de conhecer a filha de Paul Auster. Afinal de contas, também sou português, conheço Sintra e sou escritor, respeitemos as hierarquias, as prateleiras onde arrumamos os livros. Vejo a oportunidade de visitar a livraria do senhor Soares, o homem tinha cada aflição quando era pequeno, parecia que todos o encarregavam de alguma coisa que simplesmente não podia cumprir integralmente. Andei uns tempos caidinho pela filha, mas sendo mais velha, tinha receio que visse em mim demasiado atrevimento de campónio. De repente, numa certa idade da vida, todos querem ser escritores e proclamam-no a alta voz. Também eu queria ser antropólogo e tomei um veneno que me está matando chamado nicotina e mais um milhão de coisas. É deste retardamento que vão analisar a minha obra? Porque alimento eu alguma falsa expectativa de bondade de que alguém se vai interessar pela minha obra depois de eu morrer? Que diferença faz a minha morte a alguém que não conheço? E que diferença me faz a morte de alguém que eu não conheço (os graus do conhecimento)? Isto afinal pode ser tão simples como abordar uma mulher na estação de comboios desejando viajar com ela até Lisboa ou tão complicado como convencer Ricardo Vieira ou Raul Iturra. É bom não alimentar nenhuma respeitosa e especial bondade em relação aos professores que conheci. Tendo vivido sozinho, morrerei sozinho. Afinal a antropologia foi uma procura que não deu nenhum resultado visível, senão guerras intestinas, suicídios e mortandades. Se tratar de publicar a minha obra vão decerto achar-me bruto. O mal que não dizem de mim! Um destes dias ainda apanho com uma faca afiada na barriga. E tudo isto porque se soltou o beijo, o desejo e ele anda por aí à solta, pousando de pessoa em pessoa e não tenho que me lembrar de todas as pessoas que vi, porque afinal de contas sou psiquiatra e não recebo salário. O critério para se avaliar da credibilidade de uma pessoa será o espanto de a ver na televisão. Pois eu fiz coisas de que me envergonho apenas porque tenho mãe e irmã. Se fosse longe fá-las-ia também e talvez elas nunca saberiam a verdade, como do meu primo a mãe não soube a verdade. A verdade não pode estar sempre presente. O mundo todo assenta numa mentira e se quiserem ver na minha mãe uma Dona Urraca estão muito enganados. Não alimento nenhum historicismo bacoco em relação ao meu país e à forma como conquistou a independência. Não nego os laços de sangue, mas preocupa-me mais o futuro. Por isso fumo. Não sou um homem de acção, mas um homem de reacção. Não tenho ambição de construir império sentimental algum, contudo alguma coisa tem de ser feita. Há pilares que têm de ser respeitador: o saber ouvir, o direito ao

amor, a satisfação das necessidades básicas de realização pessoal e profissional. A transmissão dos conhecimentos aos outros. Por isso o mundo é tão rico e tantos estão deles abstraídos porque têm medo da dor e da verdade. Os outros têm a obrigação de respeitar Portugal, digo os do Norte da Europa e Norte da América. Não temos que nos curvar diante deles. Somos como gregos trágicos, já dizia Camões. E se na minha área não cativo as pessoas, como alguém de fora da área se deixará cativar? É terreno minado este que piso, embora protegido de catástrofes e realidade bem mais traumatizantes. Assim se consome a vida, só porque onde há fumo há fogo e este é o verdadeiro Conhecimento do Inferno. Devia estar preocupado por vir a ter um filho, ninguém me irá ajudar, vou manter este segredo para além da morte dos meus pais. Agora os meus dias são mais luminosos. Plantei uma árvore, escrevi um livro, fiz um filho. Tarefa cumprida, não sou nenhum falhado nem tenho falta de auto-estima. Agora o que preciso é de arranjar um part-time, publicar a minha obra e dedicar-me ao meu filho ou filha. Dos meus sonhos acordei e de repente realizei-os. Não preciso de ir para o Ceilão, posso ser feliz por cá. Não sei se nasci sozinho, fui decerto ajudado, mas sei que não morrerei sozinho. Com tanta gente que controla o nascimento dos filhos, que lhes dá tanto cuidado, eu que sempre andei todo este tempo procurando ter filhos nunca ninguém respeitou os meus desejos, me perguntou pelos meus desejos, porque hei-de esperar que se há-de importar agora. Desprezo este povo que vive assente na mentira mas eu próprio sou adepto da mentira, portanto faço parte deste povo, porque não ser feliz, ter uma escrita feliz. Meu filho, ou minha filha, decerto que viverá com dificuldades, mas há-de persistir. Hei-de vê-lo crescer, mudar-lhe-ei as fraldas, farei trinta por uma linha por ela ou ele. A verdade virá ao de cima. Já que as outras não quiseram confiar no acaso, eu confiei, porque não tinha ninguém em mais confiar e sempre tive as minhas razões em ser desconfiado. Quanto à minha amada, a mãe do meu filho, não é uma deputada, nem licenciada pedante, não é uma professora universitária com um discurso prolixo, mas uma pessoa simples, de entendimento fácil, que posso esclarecer. Diz-me ela que não confia em mim, pois há-de ver que eu sou de confiança. Só estava à espera de uma oportunidade para mostrar o que valho, que não sou nenhum inútil. O meu filho crescerá e será considerado tanto pelo que de bom o pai fez como ele próprio fará. Será um vencedor. Foi um acto de amor tê-lo feito, será um acto de amor criá-lo. E se ela dificultar tudo, se se tornar pessimista ou vou animá-la, vou finalmente mostrar que o dinheiro não é tudo, é simplesmente um meio, não um fim. É uma bofetada de luva branca para todas as licenciadas e doutoras que se fizeram difíceis nestes últimos anos, uma bofetada e um aperto à sociedade, um direito meu, a minha prerrogativa. Finalmente acordei e vi que o amor entre homem e mulher não passa de uma coisa puramente social, a não ser que seja uma obsessão. Mas já fui obcecado que chegue. Neste mundo de riscos, eu corri um risco, agora não estou disponível para as solteironas que só querem gozar a vida e não querem compromissos, não se importam com um mundo melhor, onde vivam os nossos filhos. Afinal Daniel Abrunheiro estava errado, o anúncio resultou e de que maneira. Muitas dificuldades há pela frente, entre as quais a monetária é a maior, mas espero que não haja uma conspiração contra mim para não me arranjar trabalho,

porque senão é que eu vou mesmo partir a loiça. E espero que a Segurança Social não me faça demonstrar que não trabalhei entre 2001 e 2005 porque de facto não trabalhei. Durante todo o tempo de faculdade humilharam-me por eu querer o bem, pois continuarei neste mundo, não tenho razões para ir para um hospital chorar um erro que não o foi, assumirei as responsabilidades como nunca ninguém pode imaginar. Marginalizaram-me por eu ter vindo do seminário, decerto que continuarei a ser um clandestino, muitos toleram-me olhando-me como um coitadinho, talvez continuem a fazê-lo. Mas eu vou fazendo as minhas coisas, em voz baixa, reclamando vitória sussurrando. Onde todos me achavam um inapto eu consegui uma vitória. Onde todos me marginalizaram eu construí o meu império sozinho. Talvez venha isto tudo em termos de lição por tentar compreender porque marginalizaram o meu pai por ter um filho com uma mulher que não desejava e as razões que o terão levado para França. Talvez me tenha saído um castigo semelhante. Não faço questão de ser um caso de aldeia. Aconteceu que sempre quis ter um filho. E acontece que o consegui. Quando ninguém se importava comigo nem me perguntava como eu ia, excepto a minha mãe e a minha irmã, eu tentava sobreviver sem que alguém me ajudasse. Deram-me medicamentos e tiraram-me a virilidade. Mas o meu desejo de amar era tão forte que até nem os medicamentos diminuíram o desejo. Convivi dificilmente com o meu espírito perturbado e agora só espero que a minha mulher venha a ter este filho, que para mim é importante, porque sentia que estava a ficar impotente e tinha de ser eu próprio a resolver as coisas. Encontrei uma mulher com pouca instrução mas que me pode compreender, fazer-me realizar o sonho, ter um filho, mesmo que não o desejasse mais, porque ela não é como as outras que conheci. Estas são as histórias do acaso num país que pode melhorar, tal como o sol nos visita todos os dias de manhã, o que é certo não é bem verdade, mas hoje acontece que é bem verdade e haverá mais dias assim decerto. Esta revolta até parece mal em quem tentou explicar os acontecimentos que lhe foram sucedendo como estrelas cadentes a apará-las com um saco de batatas. Esta História do Acaso regista o que passou na vida de uma personagem, evoluindo sempre outras personagens, a partir do momento em que soube, relativamente, que iria ser pai. Não há nada como uma boa causa para nos fazer mover. Neste sofrimento, continuo sendo antropólogo, em antropólogo pobre e nada diz a comunidade antropológica a favor de mim. Esquecera-me, tornaram-se indiferentes. Eu também, em certa medida, cansado de procurar. Mas o terreno agora está minado, o principal é arranjar um trabalho que dê para ir criando o filho. Com mais ou menos dificuldades sobreviveremos. Nossos filhos hão-de viver melhor do que nós? Tudo depende de nós. Sonhos criados sonhos desfeitos, será a realidade ilusão? Quanto mais nos esforçamos por compreender mais nos encontramos na posição de estar atónitos diante da multiplicidade do mundo e das verdades humanas. Procuramos todos de alguma maneira ou de outra uma verdade sobre nós mesmo, a maior parte das vezes egoisticamente. Segue-se pensarmos na história pessoal como algo de reconfortante, em que tivemos êxitos e fracasso. Nessas noites em branco sentimo-nos em comunicação com o mundo. Não existe ódio, apenas conhecimento de nós próprios e dos outros. Mais uma vez passámos a noite sós, contudo, não há crise, o que importa é estar pronto para viver o próximo

dia, abençoado seja o irmão sol. Quando andamos errantes, podemos encontrar a mulher da nossa vida. Ou não. Quando estamos encontrados podemos encontrar a mulher da nossa vida. Ou não. Acontece muitas vezes que os nossos desejos não coincidem com os desejos dos outros. É tudo uma questão de poder? Quando nos apaixonamos e temos um amor de que os psicólogos falam para viver, plena realização pessoal, afectiva, profissional, falta sempre qualquer coisa. E mesmo quando temos a aprovação de todos, falta sempre qualquer coisa. O amor por uma pessoa pode ser compatível com a amizade ou com a consideração por outras pessoas? Ter a sensação de que nos fecham constantemente as portas é o pior que se pode sentir. É ser excluído por todos, só porque não se é igual. Há qualquer coisa de pouco católico e tudo isto. Tudo isto para dizer que o amor não se explica, não adianta descrever porque é que gostamos de alguém, mas sempre procuramos explicar e dizer que não gostamos de alguém. Também não podemos gostar de quem nos fecha as portas, nos bate com a porta na cara, como se fosse Cristo a dar a outra face. Cristo é Deus, nós somos humanos. Nem mesmo os santos são divinos, tiveram as suas fraquezas, todos temos as nossas fraquezas mais cedo ou mais tarde. Acontece que à força de sermos excluídos tentamos modificar-nos, moldar-nos aos outros, mas não por muito tempo, para quê, porque queremos agradar aos outros, não sabemos que o mau humor traz resultados, que vivemos todos de mau humor e que não se podem gerir ou gerar consensos durante muito tempo? O verniz tem de estalar para que se revele a verdadeira plethora de sentimentos humanos mais profundos, a saber o ódio, a raiva, a vontade de transgressão por ser vontade de afirmação. É tudo uma questão de poder. Diríamos então que uma sociedade igualitária não passa de um sonho? É o que parece que a realidade demonstra, como os casos de Cuba, a experiência socialista na ex-União Soviética ou mesmo a realidade americana. Mas, mesmo assim, que olhar podemos deitar sobre as sociedades nórdicas, da Noruega, Dinamarca, Suécia. Á custa de que sacrifícios se terá conseguido o desenvolvimento e a igualdade. Querer instalar na terra, neste planeta pleno de desequilíbrios, equilíbrios artificiais ou provisórios, bem pode ser uma desilusão ou perda de tempo. Em todo o caso, não se trata antes de mais e no final de contas, de compreender. Uma cabeça só não resolve os problemas do mundo, por muito bem intencionada que seja. O presidente Bush não resolve os problemas do mundo sozinho. Nem Bin Laden. Nem o presidente das Nações Unidas. Contudo, o que é de salientar é a interacção entre forças contrárias, como se estivéssemos numa constante luta entre o Bem e o Mal, forças construtivas e forças destrutivas. Dá-me a impressão de que as frustrações amorosas nos dão vontade de compreender o mundo, como se quiséssemos remediar algo que não fizemos bem. Ou como se quiséssemos fazer melhor. No fundo, há uma sede e tendência para o perfeccionismo em todos nós. Pudéssemos todos ter a vontade e a força de mudar o mundo que alguns têm. Durante muito tempo e com persistência. Digo ainda mais, sempre me senti sozinho escrevendo, necessidade enorme de partilhar aquilo que digo, penso e escrevo. Talvez não o tenha a firmado no local próprio. Talvez tudo seja uma questão de *timing*, de *management*, de *marketing* pessoal, de como saber fazer sucesso tal como as obras historicamente datadas. Contudo, estas obras permanecem no tempo como testemunhas de algo mais

importante. Talvez eu não procure uma afirmação imediata e temporal por parte dos meus contemporâneos e busque algo que seja mais parecido com a transmissão de uma saber a gerações que hão-de vir. Mas não desistirei de escrever por causa disso. Estes conceitos económicos me parecem tão plásticos como a cara das superstars de Hollywood. Realmente, é assim que as pessoas são? A questão séria que os psicólogos e cientistas sociais deveriam pôr é: deveremos entender alguma espécie de bondade em quem nos trata mal? E quem nos trata bem deve ser interpretado como maldoso? Isto depende de quê, da comunicação, da formação, realmente depende de quê? Isto é que deveria ser bem explicado, se há qualquer coisa para explicar neste mundo com falta de ordem. Isto desenvolve as nossas capacidades? É preciso alguma forma de mimetismo para as coisas acontecerem? E então não podemos planear as coisas, planear formalmente o futuro? O que é feito então da filosofia? Qual das disciplinas está certa? Estão todas e nenhuma? Que questões verdadeiramente interessam ao nosso tempo? É fazer dinheiro, dar lucro, globalizar, mundializar ou localizar? Haja quem se entenda sobre estes assuntos que eu acho cada vez mais que a história é fruto do acaso, falo da história individual e da grande história. Ou o que chamo acaso é qualquer coisa de muito complicado que não me é dado entender. Realmente é sinuoso e labiríntico este mundo e que vivemos. Nada há como o passar dos anos para nos fazer compreender isso. Por vezes, familiarmente, somos surpreendidos pela felicidade. Alguns há que só conhecem amargura nas suas curtas vidas. Outros que só conhecem o prazer. Outros que conhecem a contemplação e o misticismo e a bondade em suas longas vidas. Outros que vão conhecendo toda a pletera de sentimentos humanos. Terá Cristo ou Maomé ou Krishna experimentado tudo isto. Experimenta Deus tudo isto? O que é Deus senão sentimento? O que é Deus senão o deus do Antigo Testamento? Realmente é preciso datar, analisar, compreender, estudar, explicar, para que nada fique resolvido. Eu estarei entre aqueles que tentaram provar o Bem pelo Mal ou serei simplesmente um latino, assim classificado, um mediano, algo que é compreendido. Nisto tudo o universo expande-se e as fontes deste meu escrito não são referidas página por página. Realmente nunca tive paciência para trabalhos académicos. Talvez porque nunca tivesse lucrado com eles, como não lucro com os meus escritos. Mas ao menos preocupo-me, esforço-me por compreender. Não vejo nada de maluquice ou gay nisto tudo, no tentar compreender. A invenção da privacidade trouxe benefícios e prejuízos. O maior prejuízo é que as relações entre as pessoas se complexificam e a interacção é artificial, não se conhece o castanho da terra, mas em ecrã, umas vozes perversas, o benefício é que o mal não se espalha tanto, abafa-se em capelinhas. Mas isso também o Bem. Vencerá alguma vez o Bem sobre o Mal? Acabará alguma vez a Igreja, a religião? Voltamos à questão de início que já apresentámos noutros escritos nossos: há algumas coisas que convém analisar na natureza humana, na vida humana: o poder, a religião, a sexualidade, o dinheiro, coisas sobre as quais a antropologia de uma maneira ou de outro ou também a sociologia, se debruçam. Se algum papel tenho eu nisto como pessoa ou actor social será abrir portas para quem quer conhecer um mundo onde vive um ser que pensa. E que pensa estas coisas como outros fazem equações matemáticas ou físicas. Algum parentesco reconheço na antropologia e na

sociologia, alguma herança e o meu único mérito de longo prazo será ter visto a religião como algo de sagrado e depois a religião à luz da ciência social e agora poder concluir que não tirei proveito económico desta análise. Porque me interessava continuar a analisar a relação entre ciência e religião, entre sexualidade e religião. Afinal de contas, não desejo mais do que muitos outros, desde os primeiros filósofos, desejaram: uma vida completa de realização pessoal e profissional. É por isso que lutarei, mesmo em silêncio, com a mente e o corpo, até me restarem as forças para morrer de boa-morte. Porque enquanto não nos relacionamos com as pessoas pela via sexual não arranjamos problemas e quando todos pensam em sexo, depois disso vem mais sexo e o arrependimento e a culpa e no fim dizemos tudo está bem, mas não está tudo bem. Acho que a pornografia não devia ser permitida, nem sequer concebo o seu uso para fins terapêuticos, o que se deveria promover seria o encontro e a formação dos jovens de modos a se casarem e terem filhos, porque é de sangue novo que este país precisa e não de pessoas estéreis com discussões estéreis. É preciso pessoas que não se masturbem e que façam sexo umas com as outras, digo mulheres com homens e homens com mulheres e se isto é uma questão de religião estamos bem enganados é uma questão de gestão da economia do esforço e da vitalidade. Eu que tanto dei em vão fui recompensado só porque fui estéril e em vão interagi, quis compreender e a paga que tenho é a indiferença. Porque os frutos da árvore só se vêm depois de algum tempo, porque se analisarmos de perto, a árvore não pára de crescer, só que nós só vemos fotografias e quando vemos cinema vemos fotografias e o cinema não é literatura e a vida não é literatura nem filosofia nem antropologia nem sociologia nem ciência, a vida é ela própria, somos cada um de nós e todos em conjunto e ao que sobra disso damos o nome de divindade. Esta é altura em que o escritor se despede. Isto porque contraiu AIDS ao fazer um filho. Mas vai morrer junto da mulher com quem fez o filho. Não vai morrer junto da Bela Adormecida. Porque a realidade supera a ficção. Estou preparado para tudo, para o pior dos cenários, estou preparado para tudo. O pior já passou, o sofrimento de viver sabendo que se não vai ter um filho, de que não se pode amar. Isso tudo já passou. Esta personagem despede-se como qualquer despedida, com um "Adeus, até sempre" ou com um "Até Breve", porque acredita na reencarnação e na vida eterna. A sua passagem pela terra nada foi mais do que uma vida, vivida como tantas outras. Era esta a história que esperava contar: a história de um homem que queria ter um filho, que plantou uma árvore, escreveu um livro e só lhe faltava ter um filho e que contraiu a causa da sua morte ao gerar esse filho. É uma história de morte, de deserdem, mas o grito por direito à vida que é transmitido pelo sémen ao filho ou filha que há-de nascer. A mãe apareceu numa noite, jogava o Sporting com o Porto, decidia-se o título nacional de futebol. Fizeram amor e gostaram um do outro. Ela sorriu e ele foi atrás/Ela despiu, ela o satisfaz. O pior já passou, agora não preciso de coragem, talvez precise mais do que nunca de um trabalho. Vi o Philadelphia e gosto do Boss e da sua música. Gosto de Denzel Washington e Tom Hanks, especialmente da sua actuação em *À Espera de um Milagre*. É bom viver, estar vivo, mesmo que fumando uns cigarros de quando em vez, que se sabe fazem mal à saúde. Eu arranjo emprego. Agora mais do que nunca. O que tinha de escrever já o escrevi.

Espero que apesar dos motivos da minha morte, a minha obra seja lembrada. E o impacto que a minha morte vai ter nos outros? Não será maior que o impacto que a vida teve. Tenho consciência que fui um chato a maior parte dos tempos. Mas tive os meus momentos. E partilhei bons momentos com os outros. A minha grande luta de afirmação pessoal sempre foi pela justiça social e pelos mais fracos, as minorias. Embora não seja gay, não alimento rancor contra quem o é. Só não acho que dois gays devam ser pais de uma criança, embora reconheça teoricamente que tal é legítimo porque as gradações quanto ao género não se limitam ao masculino e ao feminino. Todos temos um pouco de mulher e de homem dentro de nós, se sermos necessariamente gays ou lésbicas. Mas admiro quem se assume. Eu quero assumir o meu filho e a minha doença. Há um medicamento retroviral que reduz em 80% o vírus, é bom que me informe disso. Posso ainda ter uns dez anos de qualidade de vida junto da minha companheira. Ela é quente. Não é uma beleza americana, mas é uma beleza portuguesa. Gostei dos momentos que passei com ela. Foi ela aliás que me pegou a doença. Será ela a mãe do meu filho. Com esta teimosia de querer ter um filho bem me tramei. Ou salvei, quem saberá? Só Deus. Espero que São Pedro não me vire as costas na porta do Céu. Afinal eu também sou como Ele, também por diversas vezes neguei Cristo. Mas Este sabe que foi para o testar, para me testar, para testar a fé. É com esta fé firme que me despeço da terra. Agora vou habitar o mundo dos espíritos. E não me preocupa o sofrimento físico com a doença. Já tive muito sofrimento mental durante a vida, mais do que suficiente para não acreditar hoje. Mas acredito de novo. Porquê? Não sei. Sei que para onde vou poderei observar melhor a vida dos humanos cá na terra. Poderei realizar-me como antropólogo, trabalhar, ter um salário, começar uma segunda e eterna vida. Então, Até à Vista. (Ainda Espero vir a conhecer o Paul Auster um dia destes. Ah! Lembram-se do meu avô paterno? Chamavam-lhe o História. O materno era o Galego. Toda a minha vida tentei comunicar de modo espontâneo com meu pai, mas ele não foi educado como eu fui, não o posso culpar de nunca. Afinal é a ele também que devo a minha vida. Que vivi o melhor que pude). Mas se a escrita é a minha arma, não me vou embora sem antes me defender. Acredito que há uma conspiração para me tramar. Acredito que não estou bem com o sobrenatural. Nunca estive. Nem estou bem porque me encontro desempregado, com um filho para criar e sem apoios alguns. Depois, dizem que é no seio da família que estas coisas têm de ser resolvidas. Quem me manou a mim fazer engenharia social, experimentar coisas novas? Culpo-me por não ter sido vão e medíocre como todos os outros, por tentar fazer as coisas diferentes. Sou o primeiro a sofrer com isso, mas sofre também a minha família. O que é certo é que tarde nos apercebemos que o mundo gira à nossa volta e tudo o que fazemos tem relação com o que os outros fazem, tem consequência nos actos dos outros. Agora percebo o que é ser actor social, mas por experiência de vivê-lo, não por observação distanciada. Os meus professores não compreenderam a minha mensagem, se a tivessem compreendido tinham-me dado notas altas que eu merecia, pois vinha da ausência de relações sociais para aprender a dominar esta selva onde ninguém se entende! Há regras e os homens estão sempre a ultrapassar essas regras. Porque é que eu tenho de ser mau para conseguir alguma coisa, que nem sucesso é? Alguma coisa se passa no



fundo das consciências dos outros que me rejeitam, que me fecham as portas. Por esta altura Ricardo Vieira está sendo jubilado como professor mais graduado do instituto politécnico de Leiria, está sendo agregado ao ISCTE. Nada tenho contra ele pessoalmente. Mas se tenho inimigos, ele é um deles. Então eu queria ser antropólogo e vou ter com o único antropólogo da minha região que conheço, a conselho de um professor, e a paga por ser discípulo dele que recebo é a indiferença. Talvez quisesse eu ir para os Estados Unidos e estivesse usando alguns dos meus professores. Talvez tivesse eu provocado em primeiro lugar. Mas eu não estava bem e ofereci-me para tratamento psiquiátrico. Ofereci-me e ninguém se preocupou. Agora dizem que eu sou maluco quando me negam trabalho. Não tenho eu direito à afirmação pessoal e à satisfação das necessidades básicas? Isto também é coisa de família. Também o meu pai foi mal amado pelo erro que cometeu ao fazer um filho ilegítimo. Sempre carregou o fardo nas costas, o coitado do homem. Quem deve ser culpado? A sociedade? Deus, que permite que estes males aconteçam e que permite ainda que acreditemos nele depois disto tudo, depois de nos fazer sofrer? Nós próprios somos culpados por não termos o espírito esclarecido e a livre iniciativa para fazer tudo, calar tudo e todos, agradar a tudo e todos. Quem quer agradar a tudo e todos não se gente, não é filho de boa gente, não é humano. Para quê dar a outra face? Para quê ser como São Francisco? Para quê ser como Malinowski? O problema é que temos de ser nós próprios, não temos de imitar ninguém. Aqui voltamos à questão da originalidade, da arte. Onde há lugar à originalidade nas relações sociais? Não são elas reproduzidas, duplicadas, imitadas umas das outras? Criar a partir do nada só Deus? O pensamento cria a partir do nada? E porquê pensar? Porquê pensar em Deus, porquê substituirmo-nos a Ele como vigilantes do nosso espírito se tudo dá errado, só temos problemas e somos vítimas dos nossos actos. Fazer alguma coisa em nome de quê? Fazer só por fazer? Competir...essa é a essência do ser humano? Aí voltamos à questão darwinista da selecção natural. A actualidade desta ideia surpreende-me. E eu que não sou salazarento, nem darwinista, que até fiz antropologia da vanguarda e tenho o rosto desfigurado de tanto ir à frente abrir caminho. Talvez seja isso. Mandam-me à frente para abrir caminho. Não me dizem, mas mandam-me fazer qualquer coisa e logo eu tenho de ir à frente abrir caminho. Neste país já não há respeito por quem tira um curso à custa do seu esforço e do da família, não há custo de solidariedade locais, regionais, nacionais ou internacionais. Se algo devo é à família. Mas prevejo que não bons tempos se avizinham. Agora, não tarda muito, vêm aí as partilhas. A minha irmã vai querer reivindicar por me ter ajudado psicologicamente e monetariamente. O meu irmão vai querer a sua parte, que lhe cabe. O outro que anda por aí também se vai aproximar. Abutres! E eu que contei (mal) com a ajuda do meu pai para ajudar a comunidade, sacrifiquei o meu pai para ajudar a comunidade e nem o rendimento mínimo recebo? Querem agora internar-me num hospital, a mim, um cientista social, um escritor, que merece agora que se aproxima da velhice respeito consideração e admiração (por quê, estarão a pensar...), eu que não tenho acesso a emprego no meu próprio país. Quem paga tudo isto? Quem paga anos e anos de sofrimento da minha família? Quem é culpado? Quem tem de ir a tribunal? Sim,

porque temos de ir a tribunal. Afinal eu tinha notas para entrar em direito em qualquer lugar e não, quis logo antropologia. O que ganhei da antropologia? Não ganhei decerto relações sociais. Ganhei relações sociais. Tivesse eu feito a minha vida e não me preocupasse com os outros. O problema é que um homem não é uma ilha, o problema é que estamos relacionados com os outros desde que nascemos. Mas talvez seja esta a solução. Talvez por isso, no tempo, as coisas se dissolvem e resolvem. Mas não antes se fizerem vítimas e com sangue e balas. E há mulheres que gostam disto! *Fuck up the social crapp!* Realmente eu gostaria de saber se o que escrevo é literatura. Porque não tomo o lugar dos outros e em nome da diversidade, analiso os outros e deixo de me analisar? Porque me deixei analisar pelos outros? Tem tudo de passar por mim? Sou algum prostituto ou homossexual? Pois se não sou maluco, se não sou homossexual, quem sou eu? Para a sociedade, para as estatísticas, um homem sem emprego, mais, um clandestino, um português de segunda. Poderei eu alimentar alguma espécie de amizade contra alguém quando nada me dão. Devo dinheiro a vários sítios e muita água vai correr por debaixo da ponte até poder pagar. Estou perto de algum fim? Então é uma tragicomédia a minha história. É que eu não aguentava fazer literatura falando dos outros porque sempre fui discriminado. Por ser diferente física e psicologicamente. Chamam-me de atrasado mental, põem-me todos os rótulos. Mas isto não vai ficar por aqui. Eu vou para Lisboa, vou fazer tremer Lisboa. Quero vê-los dizer em vida, a todos, tu és o escritor, tu és o antropólogo, tu és a encarnação do Diabo, és Judas, aquele que traiu por amar, quero vê-los sofrer como eu já sofri. Porque não dá para continuar a acreditar que Deus irá aplacar isto tudo um dia. Não tenho fé nos homens e em Deus para acreditar nisso. Talvez seja esse um outro problema. Espero com isto tudo ter alguma consequência com o que escrevo. Desconheço quando irão ser lidos estes meus escritos. Talvez eu já tenha morrido e venham fazer mal à minha família. Mas nunca desisti de escrever e dizer o que penso, esse mérito não me podem negar. No entanto, o que nos leva à escrita é uma espécie de sentimento de justiça para com os outros, mais do que para conosco próprios. Recordamos o passado, projectamos no futuro ainda os nossos sonhos, queremos um mundo cada vez melhor, o que quer que isso seja, é muita coisa concreta, será Freud ou Carl Jung, será a simples satisfação dos direitos e necessidades básicas de todas as pessoas que nascem e que estão por nascer, sabendo nós que tal não chega à maior parte de nós. Assim a realidade é múltipla, assim a realidade pode ser descrita sob as mais variadas formas e a literatura é infinita, como a ciência, como o universo. Depois não vale a pena bater num país tão fustigado por uma cultura que é a nossa, digo fustigado porque isto parece estar complicando-se e se algum desenvolvimento está acontecendo trazemos pelas leis da imitação os defeitos que experimentaram outros países nos seus processos. O que está aqui em causa é também uma espécie de justiça, de reposição de uma certa ordem, um conservadorismo pode dizer-se, em relação a Portugal e aos Portugueses. É esta a nossa referência principal dos nossos, até porque vivemos a maior parte da nossa vida neste território e cada vez nos espantamos com o pouco que sabemos dele. Nenhum homem se pode gabar jamais de ter tido uma vida completa, preenchida, porque tal não é possível, pois deixamos qualquer coisa de nós nos outros, não

somos inteiriços, mas corpos em degradação, almas itinerantes que ora pousam sobre uma flor ou sobre uma outra alma, au dela de orientações sexuais, perdendo todos os preconceitos. Contudo a vida, a continuação da nossa forma de vida continua a efectivar-se. Escrever é inventar, é criar, compreender livremente, seja ciência seja literatura, seja poesia, é multiplicar as hipóteses de concretização dos nossos sonhos. Contudo, nem todos os nossos sonhos podemos realizar. Ficará para outras gerações. Meu pai construir um pequeno império físico, o meu sonho seria construir um império com palavras, onde o desejo se conhecesse também, onde tudo fosse transparente, nos espantasse e metesse nojo, desencadeasse em nós reacções de ódio, de repulsa, de compreensão. Mas que desencadeasse emoções. Talvez não o tenha feito do melhor modo, deveria ter sido menos bruto, menos profundo, afinal também eu precisava de não sufocar, de vir à superfície respirar. Tenho consciência de que a minha obra não será reconhecida em breve, mas daqui a alguns anos serei descoberto, por cá e por lá, como o grande excitador de emoções na literatura. Afinal de contas nem sei se sou um conservador das palavras, tenho ideia de que arrisquei pouco, tem-se sempre esta ideia de insatisfação. Serei reconhecido como o autor de *Os Indiferentes* e *Caderno de Encargos*, de *Telescópio para uma Estrela Cadente*, estão lá os meus originais na SPA à espera de serem revelados. É sem dúvida uma obra secreta. Como aliás, de resto, os evangelhos o foram. É bom pensar que posso ser iluminado pelo sol todas as manhãs da minha vida, afinal nem todos os povos se dão conta disso, nem todos têm essa oportunidade. Não tenho ideia certa de alguma ter amado. Ou de ter sido amado. Decerto que sim, decerto que isso aconteceu. Eu escrevo como se fosse um longo epitáfio. Não são os cemitérios os lugares onde nos surgem as palavras mais sinceras, onde nos libertamos dos nossos lugares comuns mais justos e voltamos a ser normais? De qualquer modo, a minha situação de desempregado deixou-se desgastado e já não vejo bem a realidade, preciso efectivamente de mudar óculos. Poderão dizer de mim mil e uma coisas, esquecer-me, seres indiferentes comigo, poderei até deixar de escrever. Mas nunca neguei os meus sentimentos, não me esquivei ao sofrimento e ao prazer. Talvez em termos de uma vida normal tenha perdido, mas sempre tive uma tendência para casos perdidos. Contudo, tenho a impressão que, em termos de uma vida normal, falhei redondamente, perdi forças desnecessariamente, não fui economicamente viável para a sociedade. Mas não têm de me tratar como um traste. Apenas quero o meu salário. E quero ver chover dinheiro e sapos. Pode ser uma loucura. Muitas transgressões se cometerão. Voltará a paz em alguns lugares, a outras regressará a guerra, e alguma vez acabarão os noticiários sobre o país e o mundo? É preciso mudar para que tudo fique na mesma. Ficar escrevendo enquanto outros com fama maior têm os seus empregos e a sua saúde e quiçá não se preocupam em deixar uma obra ou se calhar têm as mesmas preocupações do que eu, noutros lugares. Ficar sem me lançar ao mar aqui tão perto, sem percorrer a terra para norte ou para sul. Se calhar não tenho saúde para cumprir um emprego. Se calhar dei demais e não calculei os riscos. Ou não dei nada, talvez por isso me encontre sozinho. Mas se eu tivesse sabido que o meu comportamento tem consequências não teria agido de certa forma, contudo vou ficando, ficando com saudade dos que partem. Contudo, não vou

decerto a tempo de escrever obra maior do que a que já deixei. E se alguma amargura guardo não é do mal que fiz a mim próprio e à minha família mas a pena de não poder partilhar os meus pensamentos com os outros. Só isso poderia valorizar e dar vida às palavras que deixo escritas. Lembro-me no estádio 1º de Maio a bênção das pastas e eu por fim estava lá também. Lembro-me do jantar no largo do Rato. Lembro-me e talvez a memória ainda me mantenha vivo, sem fazer mais mal a mim próprio. Com tudo isto não sei se aceitam a minha diferença, mas não insistirei, caminharei ao longo do vento cumprindo qualquer coisa.

Jonas andava às voltas com um problema. Todos os problemas têm solução? Não sei o que dizem os filósofos a este respeito. O que é certo é que Jonas sabia explicar porque é que fizera um filho a Marta. A meio da noite, ergueu-se e pousou-se sob o corpo de Marta sem precauções. Ele sentiu que saía de si um filho quando expulsou de si o sémen para dentro do ventre de Marta. Marta advertia-o para não o fazer, mas isso só o incitava mais. O que é certo é que Marta está agora grávida. Não se amam, foi um encontro ocasional. Além do mais, Marta precisa de dinheiro. Não tomou a pílula do dia seguinte, talvez por falta de dinheiro ou informação, talvez iludida pelas palavras de Jonas acerca de um futuro juntos. Jonas assume-se como pai mas não tem condições de garantir sustento económico do filho. Não há aqui um contexto, não há aqui nada de romântico, nada de enamoramento, apenas o acaso, que não é assim tanto porque Jonas, estando a dormir, resolveu fazer um filho a Marta, mesmo sabendo todos os tipos de riscos que corria. Jonas evitara desde sempre fazer um filho porque se encontrava desempregado e não tinha condições para tal. Além do mais, procurava a ocasião certa, a pessoa certa. Só que Jonas envelhecia e a sua frustração por não ser pai aumentava. Essa pessoa nunca mais chegava. E ele, que procurara tanto! Talvez se não fumasse, se não se importasse, as coisas tivessem acontecido de outra forma. Assim, provocou os acontecimentos. Marta não tomou a pílula do dia seguinte. Agora não tem dinheiro para abortar. A criança que nascer vai ser dada à misericórdia, irá para um centro de acolhimento e poderá ser adoptada. Continuará Jonas a assumir que é pai da criança, mesmo sabendo que não tem condições para a criar? Irá algum dia reencontrar esta criança adulta, assumir o papel de pai ausente, coisa que nunca imaginara e que sempre condenara nos outros? Que dizer de uma situação destas? Mais, que fazer, sabendo que Jonas não tem amigos que possam ajudar, não tem conhecimentos para poder encobrir a situação, nem é isso que ele quer. Porque sabendo Jonas que fez tal ofensa a uma mulher, nunca mais poderá fazer amor descansado ou ter outra mulher. Seria incoerente. O embrião continuava no ventre de Marta, os dois não se entendiam, não comunicavam, não havia aqui amor nem literatura nem ciência nenhuma. Apenas uma criança por nascer. Iria Marta, à revelia de Jonas, arranjar dinheiro para um aborto. Iria Jonas pedir ajuda a alguém? A quem? Quem compreendia senão a Misericórdia? Ficaria conhecido como um caso baixo de desmazelo, de obsessão, um caso médico. Para todo o sempre. Talvez tudo se devesse ao carácter de Jonas, precipitado, imprevisível. Talvez fosse um tarado, como lhe dizia Marta. O que é certo é que aqueles tempos apenas conheciam a sede de afirmação pessoal, a competição. Proclamava-se a alta voz a bondade do coração, mas no privado forjavam-se golpes no estômago dos espíritos menos

preparados e mais ingénuos. A vida afinal era uma selva, ninguém se importava. Jonas havia aprendido que "a verdade vos libertará". Talvez tivesse interpretado mal, talvez nunca fosse nem quisesse ter sido um especialista em Sagradas Escrituras. E porque os americanos depois de tanta volta na vida ainda são cristãos? Deve haver muitos que se convertem a outras religiões, outros que não se convertem. Deve haver muitos comunistas encapotados. Ou não. No entanto, no reino de Portugal, as coisas correm mais devagar. Aparentemente. No entanto, depois de saber que tinha corrido um perigo real de contrair HIV, Jonas continuava pensando, haveria algum lugar para onde poderia ir morar, trabalhar? Decerto que sim, talvez um lugar onde não fizesse muito frio, talvez um lugar onde a sua presença não pesasse tanto, onde se sentisse mais leve. Mas que lugar seria esse, ainda nesta vida? O mesmo lugar que ainda habitava, amanhã, daqui a nada? Talvez, talvez o remédio fosse dar mais valor a si próprio. Mesmo que tivesse HIV ainda podia viver uma vida digna nos próximos anos. Se não tivesse podia acautelar e medir mais as consequências dos seus actos. E Jonas sabia que, um dia destes, mais tarde ou mais cedo, iria voltar a correr. Em busca de nada de concreto, ou mesmo isso ou simplesmente para se manter saudável e ter boas sensações, viver uma vida que lhe negavam, que negava a si próprio, porque um homem não é de ferro, não é uma ilha, não é um deus. Talvez do que sentisse mais falta seria de o simples saborear da vida, do ar puro nos pulmões, do sabor da comida na língua, do simples viver, estar presente, ser saudável. Só que a partir do momento em que se dera conta disso, não haveria mais tréguas para com o vício, sobretudo os vícios da mente, entre os quais se contava o pensamento mórbido e a auto-comiseração. É preciso dizê-lo claramente, todas as pessoas têm mais ou menos isto. E Jonas não era nenhum *freak*. Um ser entre outros que olhava de quando em vez para o céu do dia. Porém o dia seguinte apareceu como dádiva dos deuses e Jonas permitira a si próprio usar o direito de resposta. Há muito tempo que não lhe diziam tu és isto, tu és aquilo, talvez não quisesse ouvir e estivesse ficando surdo, aturdido com tanto barulho de bola, porém estava longe de se considerar lixo humano. Tinha direito de resposta. Desde há muito tempo que era pacífico. Não era agora que o iria deixar de ser. Tinha de usar o direito de resposta. Mas como ir para a guerra, derrotar o adversário, liquidá-lo, sem o ferir? Como feri-lo sem o liquidar? Como começar uma guerra de palavras, num acordo de cavalheiros, sabendo nós que respeitamos a vida? E porquê se revoltar contra o idêntico, se a própria identidade gera união, força, entrega? Afinal quem era o inimigo naqueles tempos em que Portugal levava muros no estômago? Os inimigos não eram os angolanos ou os guineenses, não era o negro nem o nórdico. A questão essencial é se não geramos amigos, geramos inimigos. Esta é a dura realidade circunstancial que vai além da própria palavra escrita. Se geramos amigos, contagiamos os outros de bondade. E voltamos à questão lançada por mim inicialmente algures noutra escrito: deveremos entender a bondade gestual como inimizade? Deveremos interpretar o ódio, a ofensa, a violação dos nossos direitos? Porquê compreender o Outro se o Outro nada nos oferece? Realmente, vendo a geografia dos povos, este mundo ainda dará muita volta. Ou será uma eterna ditadura. Os povos que conquistaram direitos, colonizadores ou colonizados, não estão dispostos a abdicar dos seus direitos. Os

povos que não têm direitos mais tarde ou mais cedo querem ver os seus direitos garantidos na história do futuro. Para onde caminha o homem? Não tem os mesmos direitos que a mulher? Não ignoramos o que as mulheres sofreram ao longo de uma história de desigualdade, contudo, não queremos ser superiores às mulheres. Necessitamos delas. Como elas necessitam de nós, homens. Quem me diz que estou errado? Gostava de saber pensar de outra maneira. Nestes dias de Primavera, o nosso mundo parece não ter conserto. Há guerra no Iraque, tensões dos desalojados em Israel, crise humanitária no Darfur. Realmente, não sou eu o homem escolhido para ver todo o mundo feliz. Contudo, será legítimo reservarmos o direito de sermos felizes quando meio mundo está com problemas, melhor, dois terços do mundo está com problemas? Creio que sim, que reside em nós considerar a mudança como essencial no mundo de hoje, que devemos dar com o nosso exemplo algo de bom para esses países e não perder mas tempo com questões lógico-existenciais. A televisão oferece-nos matéria de reflexão. Mas não é tudo. O mundo vai mal, o nosso país vai mal. Que poderemos então fazer desde o nosso cantinho? Desenvolver uma cultura do Bem, ao invés de nos deixarmos arredar por uma lógica do Mal. Contudo, ambos, o Bem e o Mal, têm as suas lógicas. Mas não adianta ficarmos pessimistas para o resto de nossas vidas porque o mundo vai mal. Há que ter uma certa alegria na desgraça para saber recompor a esperança, dar o tempo nesta música do acaso em que dança o mundo. Grande parte do que aqui segue escrito é fruto de preocupações e pensamentos, relata a vida do seu autor e de outros personagens, bem como descreve o mundo à sua volta, espantado ainda com coisas que acontecem longe e chegam ao seu conhecimento. Acontece que a vida do autor estende-se a muitos lugares, mas o futuro dessa vida está compreendido entre a aldeia de Riachos, as cidades de Lisboa e Coimbra por comboio, a cidade de Leiria por autocarro. É nestes lugares que conta o autor arranjar uma ocupação que o retire dos seus nevróticos e aborrecidos dias e noites em Riachos. Por um dia pode ir a Leiria ou Coimbra, pode por mais dias aventurar-se a ir até Lisboa, só que precisará de dispor de mais algum dinheiro para tal. Portanto, o que se descreve nestes relatos depende em parte destas viagens, o resto é imaginação do autor. As escritas aqui compreendidas não reflectem as leituras que vai fazendo o autor, já que estas são de autores ou autoras que pouco têm a ver com a realidade social e cultural em que habita. Contudo, há sempre um reflexo no estilo, não puramente literário, contemplativo, vagaroso como o Karen Blixen, Mafalda Ivo Cruz, Lygia Fagundes Telles ou mesmo Tracy Chevalier em *Rapariga com Brinco de Pérola*. Tenta o autor fazer uma escrita social, uma escrita útil, sabendo que todas as literaturas são igualmente úteis e que, blá blá blá, tudo está ligado. Tem portanto, uma orientação definida, descrever a sua visão do mundo através do estilo auto-biográfico ou através de personagens com nome fictício mas que reflectem a sua vivência do mundo. Portanto, nada desligado da realidade em que vive. Assim como há um "cinema réel", talvez possa haver uma escrita "réel" que não substitua a etnografia, que é sem dúvida uma ciência ou pelo menos uma actividade que depende de uma ciência. A questão da escrita como arte ou técnica e da antropologia como ciência ou arte liga cada vez mais a antropologia à literatura, quanto mais não seja ao nível do debate. Eu creio que em ambas e,

modestamente, na literatura, terá de haver sempre arte, entendendo também que a arte, a escultura, a pintura, a música, o cinema, a banda desenhada, todas têm a sua componente técnica. O que pretendo dizer é que a ênfase dada nos aspectos psicológicos só favorece uma classe profissional, a dos psicólogos. E eu a dizer isto, logo quando defendia há tempos a interdisciplinaridade. É claro que não é verdade. Mas na prática antropológica o que se favorece é o homem no seu conjunto e não apenas a sua componente psicológica, a mente, sendo que a mente não é um órgão separado do resto do corpo e nomeadamente do coração, que identificamos como o lugar das emoções. Tudo passa pelo cérebro, tudo passa pelo coração, tudo passa pelo corpo. Mas mesmo assim, não podemos reduzir o homem ao seu corpo e isolá-lo do ambiente que o rodeia. Há uma série de ligações estabelecidas com os animais e os vegetais, com o ar, a água, a chuva e a terra, que não se podem desprezar. Por isso a clonagem nunca será um sucesso. O homem é demasiado complexo para poder ser duplicado. A filosofia dá também conta destas ligações, daí o seu mérito, contudo a filosofia carece da prova e é demasiado etérea. A resposta para o homem está nas várias disciplinas que dele se ocupam, incluindo a filosofia. E talvez o que eu esteja fazendo todos estes anos não seja literatura. Será, contudo somente literatura escrever sobre os outros?

Quem escreve sobre a sua visão do mundo não pode ser considerado como exercendo literatura? A mim interessa-me tanto o estilo como as ideias, o conteúdo como a forma, mas interessa-me transmitir uma mensagem de um modo fiel e verdadeiro da forma mais branda possível, sem agredir o leitor. Só assim poderei ser entendido, creio.

"Íamos os três na estrada, depois da rotunda dos Olivais, onde se acelera um pouco, vindos do Porto onde estivéramos numa festa religiosa com a cantora brasileira Daniela Mercury. Essa rotunda ficava em Coimbra e foi em Coimbra que se deram os acontecimentos principais, nomeadamente o acidente que venho descrever. O carro ia acelerado e alguém nos provocou que ia atrás eu barafustei. Eles aceleraram para por o carro lado a lado do nosso. Antes tinham ameaçado mandar pedras contra nós a que desistiram após uma ameaça minha. Quando o carro deles está lado a lado ao nosso, vê-se uma pistola com silenciador apontada contra nós. Eu pego na pistola e deixo ir borda fora, ao que ela começa a disparar aleatoriamente, destruindo três carros, dois atrás do e nós e o nosso, um Opel Kadett ou Astra, não me lembro bem. O meu irmão ia a conduzir e é ferido. Quando estamos no sucateiro e o nosso carro se encontra pronto a ser espalmado, eu vou lá tirar os nossos pertences. Um grupo de três pessoas se aproxima culpando-nos do acidente. Eu barafusto com eles, dizendo que nada têm de saber, que nada tem a ver com eles se somos culpados ou não. Depois de arrumar as nossas coisas, bebemos qualquer coisa à mesa com eles, entre os quais se contava um japonês, e brindamos com champanhe. Saímos, eu e o meu irmão, dali e vamos à polícia darmos-nos como culpados do acidente e eu luto com o meu irmão por fazer o relato do acidente, pois fui eu quem pegou na arma, que ficou com as minhas impressões digitais, e viu a arma, cabeça fora da janela, dispara aleatoriamente contra os carros, "a gun on the loose". Descrevo o acidente e francês, mas vejo que numa sala que depois se transforma em monte de terra, um jovem escreve o relato numa

folha de papel. Luto com o meu irmão para me legitimar como melhor testemunha do acidente e com o direito de fazer primeiro o meu relato como tendo uma visão privilegiada dos acontecimentos. O relato começa e escrevem-se duas linhas e o escrivão vai fazer não sei bem o quê e abandona o lugar. Parecia um estudante universitário, talvez dos de Coimbra. Entretanto, já um grupo de homens estava perto de nós comentando o assunto. De entre eles sai um que nos ameaça de vários modos e fala no nome do meu pai, espetando-me canivetes no corpo. Refere-se a França, às obras que o pai fez e se poderia fazer para eles algumas. Eu desconfio se era cigano ou se era da Camorra. Mas lembrava-me uma pessoa, um espanhol que conheci. Eu e meu irmão lutamos contra ele, eu atiro-me a ele e aperto-lhe o pescoço, ele foge para um café onde eles e outro já estão a almoçar. Afinal transforma-se em duas mulheres e nós tocamos na cabeça, no coração para saber o que eles querem. Talvez quiséssemos fazer amor com elas. Quando eu toco no ombro de uma, a maior, a mais pequena diz-me, não sabes o que te aconteceria se perfurasses essa parte, é aí que está o nosso cérebro. O sonho acaba com o meu espanto: robôs, não houve dois mortos e cinco feridos verdadeiros, humanos, eram todos robôs! A festa onde tinha estado era uma peregrinação, em que levava uma vela acendida e exercia diversos interditos religiosos. Foi lá que conheci Daniela Mercury". Continuamos as nossas estórias do acaso falando de robôs e clonagem, assunto muito actual, apresentando personagens que incarnam de uma maneira ou de outra estes ideais da sociedade contemporânea. Quando à robótica, é preciso estudar o assunto desta inteligência artificial que o homem criou, bem como é preciso estudar o assunto da clonagem. Algures é necessário ler *O Homem Duplicado*, de José Saramago. Estas estórias que se seguem relembram um pouco o estilo do filme *Magnólia*, em que se retrata a vida como ela é, com as felizes coincidências e as tragédias que ela comporta, não sem um toque de realismo e choque que por vezes implica saber a verdade. Essa verdade pode ser uma doença, uma revelação, um filho que se tem de criar, uma relação esporádica, acontecimentos traçados por personagens ou actores sociais que estão no mundo para viver a sua vida, de alguma maneira, cumprir uma missão de Bem, porque cumprir o Mal não é missão nenhuma, e que às tantas são surpreendidos pelo desencadear dos acontecimentos. Também o autor participa nesta peça, nesta comédia da vida humana. E nesta trama as personagens são predominantemente rurais, mas os urbanos também aparecem, vindos da Europa, de África ou mesmo do outro lado do atlântico. Aparecem nas peças de roupa que Gabriel vai vestir no próximo verão. E a vida, que foi sendo uma enorme dor de cabeça, vai-se recompondo, as peças do puzzle que é uma vida singular vão-se juntando, encaixando, de modo que ficando nós a fazer uma ideia certa de uma pessoa que é o autor, ficamos sabendo e conhecendo outras pessoas, talvez mais interessantes que o próprio descriptor destas coisas aqui relatadas. A Europa enfrenta complicados desafios, todo o mundo nos apresenta complicados desafios que uma só cabeça, já se falou em George Bush e Bin Laden ou o secretário-geral da ONU, uma só cabeça não pode compreender, no sentido de envolver, de fazer sentido das ligações para agir. Por isso, a tarefa do Bem é lançada a todos, cristãos e muçulmanos, ateus e agnósticos. É uma questão de cultura, aprendi, pensando que a cultura englobaria a



religião. Mas a religião não é um mundo à parte. Falar destes grandes blocos de pensamentos como coisas domésticas se tratasse parece-se ser uma ambição em que incorri, mal interpretando os dados que uma ciência social me ia dando. Ainda estou a tempo de compreender melhor e para aí o meu espírito se vira e o dos que me queiram seguir nesta viagem de palavras de estórias do acaso contadas por um português que queria ser escritor e acabou sendo descritor. Descritor de coisas inesperadas que atentaram contra o seu espírito e tardou em compreender, inclusive arrumar o cristianismo na prateleira. Os ismos não podem ser arrumados assim, temos de saber conviver com eles, sobretudo e para nossa conveniência antes de mais deste. Descritor no sentido de descrição não no sentido de discrição ou de algo que tende para o negativismo, mas simplesmente ser uma testemunha de determinados acontecimentos que o envolvem decerto também. Há que saber fazer na literatura esse movimento de olharmos para fora através dos nossos próprios olhos, não que seja desnecessário olhar pelos olhos dos outros. Será uma questão de veracidade, verdadeirismo, de autenticidade, de fidelidade a um pulsar do coração, a um pensamento. Mas julgamos nós mal que o nosso pensamento surge com o nascimento e morre com a morte física. O pensamento de que fazemos parte é infinito e essa ideia deve acalantar-nos a esperança. Não chega o tempo de uma vida singular para descrever algo de útil, socialmente útil, é preciso mais, trata-se de uma obra colectiva que só no colectivo pode ser entendida e não uma só pessoa poderá arrogar-se o direito de a compreender totalmente. Acontece assim com a obra de todos os escritores. É preciso deixar passar um tempo para que ganhe historicidade, que é o que procuro também. Não pretendo fazer uma coisa balofa e datada, superficial. Interessa-me a profundidade, mas também preciso de vir à superfície para respirar. Como toda a gente. O pior é que a maioria anda a boiar na superfície e esquece-se da água que a suporta. Andar no fundo não é agradável. Mas é um trabalho que alguém tem de fazer, pelo menos durante algum tempo, quando tem forças. Chega um tempo em que apetece boiar também e oxalá as nossas personagens o possam fazer também. Deixara Jonas desde aquele dia de Primavera de olhar tanto para o seu umbigo. Afinal não olhavam todos uns para os outros? Não era na comparação que víamos a imagem de nós próprios, mais do que na introspecção? Sim, mas introspecção era contemplação de si próprio, não era o que ele tinha feito até então. Até então tinha feito muita coisa, mas aos olhos dos outros, nada tinha feito e isso lhe dizia uma amiga, nada tinha feito, nada lhe acontecera. Apenas vira passar os acontecimentos como espectador, não tinha participado em nenhum filme, mas a isto a gente sempre pode dar a volta, mas o certo é que não chega a lugar nenhum se não quiser mesmo encontrar alguma coisa, acreditar que há algo mais. No cinema de Pombal, apresentava-se uma homenagem ao cantor e compositor e médico Carlos Paião, desaparecido na estrada nacional 1 há mais de dez anos, e o título da homenagem dizia "tudo é para sempre". Pois estas palavras caíam em cima do cérebro de Jonas como pedras, não que fosse muito sensível, mas dizia ter a vida já feita, que era altura de começar a trabalhar, que ao fim de tanto tempo de procura já merecia um pequeno trabalho, algo de não muita responsabilidade, que lhe permitisse receber um certo dinheiro por mês, um contrato de trabalho, quiçá acumular algum dinheiro para a sua reforma.

Entretanto, tinha de esperar nove meses até que Marta se decidi a contar-lhe alguma coisa, sobre se realmente tinha um filho ou não. Ele rezava para que nada acontecesse, para que o impulso de gerar, de dar um filho tivesse sido em vão. Não que ficasse com a vida estragada para sempre, mas só de pensar que teria de responder cada vez que o se filho ou filha o chamassem sabendo que nem sequer podia ouvir a voz da mãe porque não a suportava...sorte tinham talvez os sacerdotes da Igreja que pregavam nos seus arrazoados sentimentos, uma fé que ultrapassara o homem, afinal Cristo não foi vencido pelo Anticristo e acreditar é bem mais fácil do que duvidar, mesmo com dúvida metódica, acreditar é um processo que resulta talvez da prova do Bem através do Mal, contudo ainda nos interrogamos se Jonas pensava como outros numa segunda vida e se seria ela definitiva, quando a maior parte da moral dos seus contemporâneos parecia ser dúbia, parecia ser cada vez mais materialista, Deus juntou-se a nós para nos fazer ricos, competitivos, porque há sempre inimigos e é preciso defender as fronteiras, do território e da língua, Jonas espantava-se com o número de jovens que tinham com facilidade relações e as quebravam com facilidade, com ele talvez não tivesse sido assim, ou tivesse, não sabia o que pensar enquanto fumava um cigarro na estação de comboios à espera do regional, ninguém de resto lhe pagava pela educação dos filhos dos outros, até ao momento o ministério não havia mudado na sua posição de excluir os licenciados sem estágio da carreira docente, de resto também não gostava da escola, sempre tivera de se fingir bem comportado quando o seu desejo de revolta contra as instituições era bem grande porque grande a ambição. Jonas conhecera Maria Rosinda nos últimos tempos da faculdade, fora a primeira mulher com quem fizera amor, ainda se lembra de ela virar a cara de lá para cá quando ele estava em cima dela, decerto que foi do cheiro a tabaco, que mais podia ser, a não ser que ela estivesse maluca como outra que estivera debaixo dele, e estas experiências Jonas não as contava sequer ao seu médico, nem ao seu melhor amigo. Seja como for, continuaria a fumar? Decerto que já não ia a tempo de ter uma saúde de ferro, mas qualquer coisa podia fazer, um escritor fuma e tem desculpas para isso, arranjamos desculpas para tudo, vá lá, em vez de partires a loiça, em vez de te armares em útil, fuma, fuma. Triste sentença esta a do vício e pobres homens que como Jonas exalavam odores desagradáveis. E porque é que se fumava naquele tempo? Pelas preocupações da vida, por que mas haveria de ser? Porque é que uma pessoa fuma? Porque não tem mais nada que fazer! A dita amiga estudava numa turma perto da sua, ela toda ela era sensualidade, muito simpática se mostrou sempre para Jonas. Devia sofrer imenso, era o tipo de jovem que saía do cinema banhada em lágrimas, pelo menos disso Jonas foi testemunha, não chores, então choras porquê, ela levava aquilo a sério, a vida a sério, quantas pessoas não havia afinal como ela, quantas mulheres não estariam interessadas num homem como Jonas, sempre de portas abertas para receber uma mulher, mas agora que conhecera Marta iria ser diferente, sim, porque não contara o caso a ninguém, tudo se resolvera em família, houve dias em que Jonas fumava sem parar, fumava pelo mundo, porque nenhuma revelação lhe surgia no pensamento, porque deixara de acreditar, de acreditar tanto quanto acreditara. Talvez agora só acreditasse na morte, a da sua mãe, do seu pai e a sua. Para ele todos continuariam a viver a

mesma vida de aldeia ou cidade para sempre. Dar-lhe-iam a oportunidade de se converter de novo, de iniciar uma transformação mais madura e seria justo, agora que o desejo sexual se desvanecia e como seria na outra vida, uma só consciência, um só credo ou múltiplos desejos e encantamentos, será que perderíamos tempo a observar a vida na terra, que mais havia, era isto que preocupava Jonas, a eternidade, o que falavam dela, a eterna juventude, a identidade e a alteridade, estas coisas do mundo que faziam do mundo uma família, a sensação de ter perdido os melhores anos da vida em busca de respostas que outros não davam porque se calhar agente tem é de se calar e viver o melhor que soubermos o tempo de que dispomos e às tantas quanto mais remexemos no passado pior é, nem sequer valia a pena pensar nisso, que águas passadas não movem moinhos, moem moinhos isso é que é, talvez tenha razão o Carlos Paião, tudo é para sempre. Fecha-se o pano e ouvem-se alguns aplausos, reconhece-se a fraqueza humana mas o mundo continua desordenado na cabeça de Jonas. Mas um dia há-de chegar a algum lugar. O inferno já passou. Dante, a insidiosa mente de Dante, havia sido testemunha, para quê repetir algo que já passou? Algo que já passou. Agora, haveria de saber Jonas rir da situação por que passou? Saberia tirar proveito dos seus fracassos. Tudo teria procurado mas por caminhos errados, contudo, vendo-se ao espelho, via a pena a imagem de um homem de 36 anos com muita coisa para fazer, com muitos anos para viver, com muitos livros para ler e alguns para escrever. Não era sua vontade estar adiando uma situação iniludível que só o arrastava para a miséria humana do descrédito, contudo desde há muito tempo, nos bons e maus momentos, a sua consciência mantinha-se baixa sobre os seus comportamentos, como se a mão de um anjo velasse pelos seus permitidos pensamentos. Era essa pressa de apagar os acontecimentos do passado que levava Jonas a desespero, a verdadeira doença mortal que dele se apoderara, um cancro que não se mostrava por meios de dores exteriores, nem síndrome de kaposi nem nada. Era uma ratazana enorme que habitava o seu ser e roía dia e noite se cessar no sótão da sua memória, estava cansado da sua imagem actual, queria mudar mas não sabia como nem era preciso saber, viveria um dia após o outro observando-se a construir uma casa até ao fim da idade para poder habitá-la morto para sempre. Afinal, a literatura era um lugar onde se encontrava a solidão, não havia nenhuma mulher com quem ir ao café, nem com quem assentar o corpo na cama, havia uma mulher que era mãe e um pai que habitavam o mesmo espaço e com quem falava e com que legitimidade poderia ele pensar em literatura quando muros enormes o separavam do mundo real, que coisas poderia fazer com que se salvasse e desse aos seus a esperança de ter vivido realmente alguma vida, de ter chegado a alguma conclusão, nem que fosse a de que a vida vale a pena ser vivida, de qualquer jeito, que mais grande coisa nos espera, que essa coisa nunca será o reflexo do que vivemos aqui nesta vida, mas que depende de nós começar a vivê-la já aqui e agora, mesmo quando nos deslocamos a paz é um estado de espírito, não a ausência de guerra, então podia acreditar que podia vencer a morte, que o grande medo de morrer não era senão remorso por não ter tido uma vida plena de sucessos e companhias, de palmas e assentimentos, porém não era isso que procurava, apenas uma libertação controlada do Eu nesse espaço que habitava e o que acontecesse depois decerto ficaria para a história, que

a história é feita de enganos e temos de nos agarrar a alguma coisa para pensarmos que somos alguma coisa, é pena pensar assim, mas é uma simples constatação que nos pode ajudar a compreender que somos meros actores de um filme debaixo nível ou romântico, num filme que nunca mais acaba, que se estende desde o princípio dos tempos até aos futuros individuais isto se querer fazer leis sobre o comportamento humano, mas descobrir sem dúvida na antropologia como ciência alguma suspeita e culpabilidade de controlar o homem na aparência de bondade, num fundo de perversidade e maldade. Seu filho, sim o filho de Jonas, continuava a desenvolver-se na barriga de uma empregada fabril que conheceu semanas antes, não talvez sem que antes lhe tivessem dado veneno, pois que a parca informação que Jonas tinha da mãe era culpa do esquecimento a que se teria de votar por pensar que o estavam enganando querendo comer-lhe dinheiro que não tinha, afinal estava pobre e feliz, acima de tantos recessos e contrariedades, iluminadas com a leitura de Saramago, de alguma publicidade católica e esoterismo. Estes eram os dias de mãos abertas, em que ficara em casa tendo adiado as análises que tinha de fazer e o corte de cabelo que lhe deveriam fazer. Estes eram os dias em que revolia o passado e ouvia a Sinfonia Novo Mundo de Dvorjak pensando no tempo que passara em Braga e que talvez fosse afinal especial, fosse um num milhão ou talvez um em dez milhões, isso pouco importava alguém lhe haveria dito que era especial e ele comprazia-se pensando que o era como todos o são, únicos e irrepetíveis, mesmo doentes, com sede de verdade e procurando apoio espiritual onde só lhes dão porrada, a vida era assim, tola, despropositada, brutal e não adiantava fazer-se de jornalista para poder comprovar isso mesmo, a cruel contradição entre o homem que pensa e o homem que age, entre o indivíduo e a multidão entre a injustiça que há de ser espiritual, não ser deste mundo mas querendo tanto pertencer-lhe e mudá-lo que se tolem as forças, talvez sejam saudades do paraíso, plenas saudades do tempo em que vivíamos em comunhão com a divindade ou as divindades, que não sei se acredite no monoteísmo se no politeísmo, que mais tarde me direi que foi a evolução da humanidade que assim permitiu que se dispusessem assim as coisas em que pensamos e acreditamos e afinal de contas isto da vida não seria brincadeira nenhuma, era coisa séria de rir a bandeiras despregadas, mas Jonas guardava ainda as cassetes da música da Antena 2 gravada durante noites sucessivas quando lhe dera azo de paixão por música clássica e guardava duas cassetes de Braga, registo sonoro de uma vida que queria mas não podia viver, que havia fodido o seu mundo e a sua crença bem fodida que nada disto cabia na cabeça de alguém e que só deus poderia compreender e os homens explicar. Desculpem-me a má-criação, vai ver que não foi nada, que passar a viagem de Braga até Riachos na parte de trás do carro em nome da Igreja e da multiculturalismo não lhe teria valido nada senão um título de frustrado, que onde os outros viam competição ele via e que era hora de acabar de vez com antropologia e religião para que não acabasse isto com ele, é maneira de dizer que o esoterismo instalava-se na alma de Jonas como caminho mais sensato a seguir. Sim, mais um ismo, mas tínhamos de nos agarrar a qualquer coisa, como quando Loreta lhe pedira um anel de noivado pondo um ultimato no seu namoro com ela e que nunca mais conversa de jeito tivera com ela nem com nenhuma mulher. Contudo, Jonas

sentia que falando tanto de si não estaria longe de conseguir resultados, conseguir ser feliz, o bem-estar espiritual. Não era sua intenção ocupar os outros com os seus desarranjos mentais. Sentia que quebrara em determinado momento, que perdera vida, que se perdera num caminho em que as vozes dos outros importavam mais do que a sua voz interior. Agora, estava decidido a dar um altifalante a essa voz interior e ocupar-se dela. Deixara de confiar na psiquiatria, o que ele procurava era algo de bem mais simples, mas tanto tempo tomando medicamentos a sua vida parecia não melhorar, o pior é que não parecia, o pior é que não melhorara nunca, nunca estivera bem, nunca estivera tão mal e agora ouvir as palavras de um psiquiatra poderia causar mais ilusões e perda de tempo, logo decidiu optar pelo caminho aparentemente mais difícil, um caminho de conversão espiritual, abandonar medicamentos, recuperar um estado de saúde que provavelmente nunca tinha conhecido. Apenas tinha tido uma impressão de se ter sentido bem algures no tempo, e essa impressão podia levá-lo a sentir-se finalmente vivo, depois de anos de sofrimento. Tanta gente havia feito o mesmo caminho, porque haveria logo ele de ser original? Finalmente, podia falar com o seu médico para deixar a medicação e começar um caminho novo. Ainda era tempo.

Mas (há sempre um "mas") como é que Jonas iria viver o seu tempo restante sabendo que algures poderia ter um filho e que nem sequer comunicava com a mãe, que lhe poderia muito bem aparecer nove meses depois com uma criança nos braços para criar. Como saberia e quando saberia toda a verdade? Sua irmã e sua mãe pediram-lhe para esquecer a história, que a tipa apenas queria dinheiro, queria enganar Jonas, mas ninguém lhe tirava a dúvida, a certeza de ter um filho de Marta algures na cidade mais próxima. Porque não lhe telefonar e esclarecer tudo? E se ela o estivesse mesmo a enganar? E se o impulso vital de dar um filho àquela mulher tivesse sido gorado? Que mais poderia esperar da vida? Fora tolo, pois consentira uma relação desprotegida com uma mulher que não conhecia de lado nenhum. Isto quem anda à chuva molha-se, se não tivesse HIV ainda se podia dar por muito sortudo, um filho vá que não vá, mesmo não gostando da mãe, mas HIV era o fim. Acabavam-se os cigarros, as leituras, acabava-se a esperança de arranjar trabalho, era o fim de tudo. Ou o princípio de qualquer coisa. O que para o homem é uma desvantagem -partir deste mundo imaginando o infinito- pode tornar-se a qualquer altura uma qualidade, ter nas mãos esse mesmo infinito. A vida de Jonas simplesmente nunca tivera nas suas mãos e agora muito menos, é que não estava mesmo. Jonas não estava a dramatizar, ele sabia que podia ter um filho e que podia ter HIV. Expusera-se em demasia, não compreendendo a sua solidão, afinal não era tão sábio quanto se supusera no início e poderá um homem depois de cometer tantos erros virar sábio? Não é o hábito das boas acções e dos bons pensamentos que fazem um sábio? Ou se é sábio ou não se é? Quanto são os graus de sabedoria? Algures, a resposta para as suas perguntas podia estar no budismo, na filosofia, tanto como no hinduísmo ou esoterismo. Sabia que tinha ainda terreno para progredir. No último momento de sua vida iria aperceber-se do que houvera estado errado? Vão momento, pois não podia voltar atrás, tinha de ir em frente, acelerar o mais que podia para entrar noutra dimensão. Ainda restava em Jonas um resto de esperança, de bondade, de honestidade, para dar a volta à situação, ele

sentia isso, porque sabia que havia virado costas ao sobrenatural e quisera viver o mundo dos olhos, quisera viver o mundo dos outros. Vã esperança. Nunca havia saído do seu próprio mundo. Mas que fizera assim de tão abominável para viver recluso na sua própria casa, no seu próprio mundo? Fica aqui o relato das suas preocupações, porque o que lia e ouvia daquele tempo não lhe chegava. Oxalá seja útil a alguém este relato, durante a estada de Jonas nesta vida ou depois de partir. Não se procuram prémios nem consolações para estilos de escrever, procura-se nestas linhas dar conta de uma paz que teima em chegar, mas que já tem as suas sementes no espírito de Jonas, ele sabe-o. A sua vida resume-se a poucas coisas: mau entendimento da religião, mau entendimento da sexualidade, mau entendimento da vida. Era tempo finalmente de acabar com os jogos da mente e respeitar o seu próprio espírito e o corpo, porque não? É que fora abandonado, gostava de se sentir abandonado, na sua infelicidade residia a sua felicidade. Estava próximo de experimentar qualquer coisa de novo, a NOVA. Ninguém lhe pedia que anotasse os seus pensamentos, mas ele sentia um dever de dar conta do seu desarranjo mental quando o melhor, o que estava para vir, o melhor iria guardá-lo para si mesmo, os homens que descobrissem por si mesmos a sua verdade sobre si mesmos. O melhor iria guardá-lo para o fim e bem podia dar conta disso por escrito. No fundo, era essa a sua vontade, não iludir ou encantar audiências, mas dar conta de uma vida, como um testemunho, dar conta dos dias de um ser que visitou este planeta por alguns anos. Finalmente Jonas havia compreendido a relação entre sexo e religião. Não eram mutuamente exclusivos. O bem-estar estava na sua cabeça e no seu coração, era um ser espiritual que desejava. Sabia que o teste ao HIV iria dar negativo e supunha que tinha um filho algures, ou fora uma simples armadilha, um simples pesadelo. Tinha nove meses para saber. Iria sobreviver a isso? Se realmente tivesse um filho, teria de assumir as responsabilidades. Porquê sentir-se mal? Acontecesse o que acontecesse, nada mudaria as suas convicções. Iria começar a trabalhar, finalmente teria a sua independência económica assegurada. Que mais queria ele da vida? Sabendo que podia ter algures um filho, sabendo que de certo modo tinha errado, essa era a forma de esquecer o passado, o passado havia sido aplacado, vivia não no passado nem no futuro, mas no presente. Como dizia Freddy Mercury, "the show must go on". É preciso sabermos quando nos devemos retirar do palco, a nossa deixa de actor social. Sim, a analogia entre actor de palco e actor social é tomada à letra. Jonas era afinal um actor social, não o esperava uma grande riqueza, mas uma vida simples de trabalhador e talvez ainda um grande amor para viver. Ter um filho com paralisia cerebral só aumentava o seu interesse pela vida. Tinha de falar com Marta, não podia fugir às responsabilidades, quer tivesse ou não mais relação com ela. Podendo ser o fim de tudo para Jonas e Marta, podia ser o princípio de alguma coisa verdadeiramente importante que sempre esteve ao seu alcance mas que, cego, não vira antes. Talvez o esperasse o Inferno, como a Dante na "Divina Comédia", talvez não fosse tudo aquilo senão um pesadelo. Tinha de contactar Marta. É que afinal de contas ainda há guerra no mundo, há gente morrendo de fome ainda neste século. A tarefa é de todos e de cada um, não nos podemos

egoisticamente salvar sem ter em conta o mundo que nos rodeia. É preciso ver as coisas cósmicas.

Chegou Jonas a um ponto que não aguentava mais. Num lampejo de lucidez, traçou naquela noite de verão de 2006 o seu destino: iria voltar a dar aulas. Iria fazer um estágio de profissionalização numa escola de uma cidade próxima de sua casa e depois começaria a dar aulas. É que não dava para viver com 185 euros por mês. E iria fazer *Geografia*, uma coisa concreta. A filosofia ficava para mais tarde, como óbi. Talvez daqui a uns anos tentasse de novo tirar um grau em Coimbra ou em Lisboa. Tinha agora uma outra perspectiva, menos negativa, do que era a antropologia. Esta era a solução mais imediata que iria tomar. No próximo ano lectivo, estamos no verão de 2006, estaria fazendo o seu estágio. Até lá podia dar alguma formação na área comportamental durante todo o verão. Era meter mãos à obra, não era tarde demais. Não fosse ele muito ambicioso, não negasse a realidade em que vivia e conseguiria mais tarde ou mais cedo manter vivos os seus objectivos de vida. Talvez não fosse assim tão fácil, contudo naquela tarde seguinte não saiu de casa. Nada fez de importante. Contudo recebeu a notícia de que não estava infectado. Importa muito neste contexto, pois livrara-se de boa. A nossa história continua. Jonas está em casa, vê televisão e todos lhe parecem negar uma justiça como um trabalho. Mas é fim-de-semana, que havemos de fazer, os livros zen dizem-nos para esquecermos que temos problemas e nós ficamos com a impressão que a melhor táctica de guerra é conhecer o inimigo para que ele se autodestrua, coisa que me parece um tanto ou quanto fantasmagórica. A bondade do coração estende-se a muito lugar, mas até ver realizados os seus sonhos, Jonas continuaria a insistir, afinal era a sua dignidade como ser humano que estava em causa. Ele vivia numa ilha sozinho, era uma árvore de solidão numa clareira numa floresta densa. Depois daquele dia em que só se falava de política, futebol e alguma religião, os problemas sociais persistiam em Portugal. Alguém se esquecera que havia fome em Portugal, já para não falar em Angola ou se matava gente no Darfur ou que Moçambique continuava, apesar de ter sido berço de Eusébio, como um dos países mais pobres do mundo. E esqueciam-se os problemas sociais que havia no Brasil, nas cadeias e Jonas lembrava-se como Marta morava sozinha naquela época junto a um estabelecimento prisional. Esperava-o o Inferno decerto. Contudo, Jonas iria ser mas diligente, não se podia deslocar livremente no seu país sem ouvir críticas. E afinal a sua operação de charme não lhe rendera proveitos económicos, pois continuava com baixo saldo no banco. Contudo, uma paz instalava-se no seu coração naquele fim de tarde ao ter a sua mãe perto de si e saber que ela estava contente por ele se sentir melhor. É o efeito das viagens. Não havia nada de muito mas importante a dizer, havia que seguir a vida como toda a gente. Punham-lhe muitos rótulos, homossexual, esquizofrénico, e ele não cabia em nenhum deles, era maior, maior que tudo isso. Entrava agora numa linha totalmente diferente. Agora, mais do que nunca, apesar de ter dito ao seu amigo que se enterrava cada vez mais ao escrever, sentia que um dia destes, daqui a uns meses, iria rebentar, iria explodir, como dizem no futebol e iria ser dali a uns meses. Quanto às limitações geográficas de Jonas, é certo que ele não tinha automóvel, já dissemos que se podia deslocar, a três cidades mais próximas, que uma delas estava quase já banida

a não ser o facto de ter de ir ao médico e entregar os livros na biblioteca, tanto faz, teria algum dia desses a possibilidade de partilhar com alguém aquilo que tinha lido, aquilo por que tinha passado, o que é certo é que a escrita era a sua forma de sobrevivência, em que dava força aos outros para viverem a sua vida, procurando fumar menos, fumar nada, de modo a que todo ele voltasse a ser como em jovem, coração, desejo e pensamento. Tinha tudo o que um escritor pode ter para escrever: um ambiente bucólico, comida, roupa, a mãe junto a si, o pai também, tinha um computador, era ainda jovem, a escrita podia ser uma actividade não rentável enquanto não acabasse a sua obra. Mas não fora sempre esse o seu sonho? Ler, escrever, falar, discutir, gerar ideias. Algures Marta podia estar já grávida. Podia ter já feito o aborto. Se fosse o caso, como iria ficar Jonas e a sua consciência? Terem-lhe morto um filho e como ele havia permitido. O que é certo é que naquele país, não é desculpa, naquelas condições, o ser não podia vingar, porque a vida de um ser não é eterna, quando estivesse cansado de viver, se é que uma pessoa se pode cansar de viver e não de correr, fazer atletismo, quando o seu coração estivesse cansado, morreria de morte natural mas queria que a causa da sua morte fosse natural e que ao fim de mais de dez anos de sofrimento já era tempo de ter a sua paz, já havia contribuído com a sua dose de maldade para o mundo e estava arrependido, mas já fizera coisas boas também. Era de facto um homossexual platónico, Jonas? Só o futuro podia dizê-lo, mas não era seu projecto de vida ser penetrado por um corpo estranho, quanto mais idêntico ao seu. Não tinha uma paixão obsessiva pelo idêntico, mas uma curiosidade pelo diverso, fosse do norte da Europa, fosse de Espanha, nada tinha a ver com a mãe, fosse de África. Sabia que iria viver ainda alguns meses de preocupação, talvez fosse altura para gerar um filho, mais um livro, um fruto da sua árvore do pensamento, sabia que no final desse tempo seria um homem livre de novo, pelo menos teria uma resposta. O que teria acontecido com Marta? Tinha de lhe telefonar. Entretanto, Jonas levantou-se da cama algo mal disposto, os sonhos haviam sido maus, contudo recomposera-se instantes depois, não dando demasiada importância aos sonhos. Hoje iria sair de casa. Tinha traçada uma meta: um maço de cigarros havia de dar para dois dias. Deslocou-se ao café onde jurara a si próprio não entrar nunca mais. Talvez fosse uma armadilha, mas desconfiava que as pessoas da aldeia não lhe diziam a verdade não por pensarem que ele era louco, mas por pensarem que ele era perigosos e que tinha alguma doença que podia contagiar a alguém. Bem, tirou algumas conclusões dessa ida ao café. As pessoas sabiam que ele escrevia e sonegavam-lhe informação. Teria de ser ele agora a arriscar tudo sozinho, mais uma vez. O que é certo é que viu uma formosa moça sentada no café. Fumava depois de ter tomado o pequeno-almoço. Era formosa. O que é certo é que Jonas se distanciava cada vez mais das pessoas da aldeia, fruto de uma reputação adquirida, mas fruto também de uma conduta consciente para evitar problemas. Contudo, ali estava no café, já com uma erecção por ver aquela moça formosa. Sentou-se numa mesa por perto e começou a folhear um jornal. Entraram dois vizinhos, Bom dia, tudo bem? A moça saiu dali a pouco, depois de saber por ouvir que ela é de um lugar da freguesia. Pareceu-lhe demasiado morena, mas o seu corpo era perfeito. Quem seria? Que faria ela? Talvez nunca mas a viesse a ver. Também não podia esperar



que ela se dirigisse a ele. Estaria livre? Que saberia ela dele? O que é certo é que Jonas esteve para regressar a casa e deixar a máquina do tabaco às moscas, mas depois pensou: tenho de ser realista, isto tem de ir com cama. Estou a sentir-me melhor e vou sentir-me cada vez mais melhor, melhor...

Jonas passou mal a noite. No dia de ontem foi à noite comprar um maço de cigarros e às 10 horas da manhã estava já todo fumado. Sentiu-se mal e perdeu os sentidos. Acordou com um galo na cabeça e o nariz partido. Telefonou a Marta. Ela não quis saber, insultou-o. Era o que precisava para esquecer se tinha ou não um filho. Simplesmente, as pessoas não se importavam. Então para que é que se havia de preocupar? Esta época de crise havia de passar. Não podia quebrar mais, era tempo de reagir e como não saíra hoje de casa, havia de sair amanhã. Há sempre um amanhã. Entretanto ficou andando de um lado para o outro, ainda fumando o seu maço por dia e lendo A Profecia Celestina e um comentário à obra de Teillard de Chardin. Tinha também para ler Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos, de Giordano Bruno, um livro da Gulbenkian e também por começar, A Visão de Deus, de Nicolau de Cusa. Saiu de casa finalmente, entretanto, os acontecimentos dos outros, da televisão e dos jornais pareciam ter alguma coisa a ver com o seu percurso de vida. Contudo, esperaria a sua vez, não iria ao encontro dos Outros porque simplesmente não se podia deslocar a Lisboa, porque não tinha dinheiro para lá viver. Não havia volta a dar. Um outro argumento introduz-se neste livro. Um cidadão desempregado, de 36 anos, tendo já trabalhado e padecido, tendo já sido estado sob observação psiquiátrica, decide procurar um lugar para viver, uma nova forma de vida, um novo intento. Pode questionar-se o que leva uma pessoa a entregar-se a uma instituição. Aparentemente ele não significa ameaça para a ordem pública. É assim que se descreve Jonas. Parece não viver neste mundo, contudo os problemas sociais preocupam-no excessivamente no sentido em que se vê frequentemente açoitado. A questão é que ele não tinha o direito de viver num mundo ilusório, no seu mundozinho, não ia viver mais, porque não aguentava, não suportava mais. Ora a questão que nos devemos colocar é se indivíduo que não consegue emprego porque não tem amigos, porque há uma cabala contra si, porque simplesmente não atrai aplausos, se este indivíduo, desajustado socialmente do mundo, terá de ir para uma instituição psiquiátrica. É que me parece que aqui podemos justamente culpar a sociedade de não arranjar uma solução de integração para Jonas. Nem mais. Porque por mas que ele fizesse, não arranjava nada, estava limitado, paralisado nos seus movimentos, cerceado por toda a espécie de forças. Não, ele não iria para uma instituição psiquiátrica. Porque no passado entregar-se alegremente como culpado de um mal que o atingiu, como culpado dos males do mundo, entregara-se voluntariamente nas mãos de médicos que não compreendiam o seu desajustamento social. Contudo, ele tinha acesso a cuidados médicos e o apoio da família. Mas simplesmente rotular este indivíduo de isto ou daquilo não o iria ajudar. Só aumentaria o seu sofrimento. O que ele tinha necessidade seria de ambientes novos, de dar uma oportunidade a si mesmo para ser melhor e fazer melhor. Jonas envelhecia e estava ficando cada vez mais sábio. Não que lhe valesse isso de algum privilégio institucional. Não, o homem era uma árvore que crescia independentemente das outras. Não valia a pena arcar com problemas que não eram

da sua competência, não podia arcar com tudo, se não tinha nenhuma responsabilidade perante os outros, uma responsabilidade social, porquê se preocupar? Talvez seja esta afinal uma forma de subtil egoísmo do mais comum que conhecemos nas sociedades actuais. Ora teorizamos, ora agimos. Contudo, era facilmente impressionável, Jonas. Tudo o punha a pensar, confuso, à procura de uma solução que lhe descansasse a mente. Mas ele aprendia com o tempo. E mesmo que tivesse pressa de viver como viviam os seus contemporâneos, ponderava o aspecto económico. Fazer alguma coisa, ainda que pouco para as suas aspirações, procurar um lugar onde se sentisse bem. Todos temos direito a ele, não temos? Há festa na aldeia. No entanto, Jonas não consegue comunicar com o seu pai. Estão ambos mortos, como poderão comunicar? Na televisão diz-se que Luandino Vieira recusou o prémio Camões. Era o que Jonas teria feito se fosse o escritor.

Acontece que Jonas tinha um sócia. De nome. Não saberia como era ele, nem se era mesmo parecido com ele. Na verdade, não esperava nada do encontro com uma pessoa com o mesmo primeiro e último nome. Acontece que essa pessoa morava por perto. Bastava-lhe ter chegado ao ouvido que alguém estava usando o seu nome, sabe-se lá para que fins, agora temos de pôr um travão ao fluir natural para que possamos mudar o curso das coisas. Para quê imaginar uma vida, confundir o espírito? O que tinha sido feito tinha de se admitir e em certo sentido esse Jonas duplicado talvez também procurasse um sentido para o que quer que estivesse fazendo. Não lhe bastava passar-se por alguém com outro nome para seduzir mulheres, obter êxito. É isso que querem, é isso que terão. Não há pachorra para estar agarrado a filosofias, o mundo é complexo e temos de ser realistas: poucos anos tinha Jonas de vida, não que sentisse já o cheiro da morte, mas de certa maneira pensava pelo encaminhar das coisas que estaria perdido. A partir dos 35 anos, o mais importante não é o corpo, mas a alma, salvaguardando que o que se faz com o corpo tem a ver com o que se faz com essa coisa etérea que é o pensamento. A alma, não, a ama é outra coisa. É um estado de espírito, um convencimento que experimentamos para nós próprios, um egoísmo feroz que nos corrói por dentro até que...acreditemos que uma reversibilidade é possível. Não é isto afinal o mesmo que se passa num processo de cura? Havia que pôr um travão a muitas possibilidades, delimitar o terreno, estudar o adversário e agigantar-se diante dele. Naquele Portugal do século XXI, os jornais traziam novos autores, autores cada vez mais novos, poucos apareciam que teriam feito das palavras a sua verdadeira vocação. E de repente, se te fosse negada a possibilidade de escrever?, como diria Rilke. Não sei o que faria, enlouqueceria talvez. Mas não andamos todos loucos? Loucos por poder, por dinheiro, por confrontação física, por sangue, todos queremos parecer loucos para sermos mais sábios. A questão é se ao homem é dada a possibilidade de uma segunda vida. Já agora com mais alguma paz de espírito, menos monstros, menos internet, menos telefone e menos televisão e menos cinema, que estas coisas, custa dizê-lo mas alguém tem de se impor em nome da alguma coisa, são prejudiciais à sã convivência dos homens com as mulheres. Que estaria naquele momento fazendo o sócia de Jonas? Saramago já escrevera algures sobre o assunto. E escrevera também Todos os Nomes. Era tudo uma questão de memória, de verbalização, de identidade? Afinal Jonas não estava assim tão errado. Estava

arrependido da sua conduta, mas reconhecia que não lhe tinha sido dada outra hipótese. Talvez devesse esperar mais tempo, ouvir os outros em concílio para decidir o que havia de fazer para ter o maior impacto. Contudo, não era esse o seu estilo. Ele sabia que as palavras tinham o poder de aquietar os Espíritos Inquietos. Sabia que a única maneira de se tornar imortal seria escrever, escrever até não poder mais, devia talvez falar com alguém sobre o assunto. Não estava aqui e causa o futuro da humanidade, contudo Jonas andava obcecado com a morte. E não andamos todos? O seu amigo de juventude alentejano estaria já morto, teria inexplicavelmente dado fim à sua própria vida. Para que fim? Para reencontrar o pai? Para chamar a atenção sobre ele? Seu pai tinha já morrido, sua mãe também. Seus amigos via-os de quando em vez. Ninguém senão o próprio Deus poderia aplacar aquela dor. Morte lenta e dolorosa, dizem nos maços de cigarro. Contudo, cada vez se vê mais gente a fumar. Iniciar aqui um propedêutica social para que fim? Com que notáveis homens contamos nós no futuro senão aqueles que saibam ler melhor, sofrer melhor, bater-se por ideais copiados dos outros. É isto ser português? Não, não acreditava Jonas que fosse só isto. Continuava desconfiado. Não lhe tinham dito tudo, a verdade ou o que lhe interessava, concordava com alguém que era perigoso pensar no centro de Portugal. Era perigoso, pois se não fumarmos, alguém fumará em nosso nome. Nem que seja um sócia. Várias vezes sonhara com aquela casa, em sonhos. Seria realmente a casa onde vivia uma alma por nome de Jonas? Era a entrada de um prédio de habitação, com centro comercial no interior. Não era um apartamento normal, independente. De independente nada tinha, muito menos privacidade. Entrava-se puxando um estore da entrada principal do prédio. Depois Subiam-se dois lanços de escadas e entrava-se da parte de trás, ainda sem nenhuma privacidade, para um átrio onde houvera discussões e polícia. No quarto, finalmente, estavam duas camas e Jonas procurava canais eróticos. Ainda. Ao lado havia uma rua onde Jonas trabalhava, onde se deslocava todos os dias à empresa onde trabalhava. Alguém estragara o seu diploma do ano O do curso teológico. Seria preciso pedir outro. Jonas ensinava à irmã como guardar documentos sem os estragar, fazer-lhe os furos nos locais exactos com o furador. Jonas lembrava-se ao acordar que nunca tinha sonhado com a mãe. Estranho. E lembrava-se do filme Alien em que Ripley mata a sua própria mãe. O clima estava pesado e denso, não sabia o que realmente fazer, Jonas. Um dia após outro, era a prova de que valia a pena continuar a lutar pelos seus direitos. O direito ao trabalho, a um rendimento mínimo. Agora não iria para nenhum hospital, mas decerto que iria ao médico na semana seguinte e despejaria mais uma vez o saco. As dores de cabeça continuavam, talvez fosse de ver demasiada televisão e passear pouco, pensava Jonas. Marta nunca mais dissera nada. Naquele Domingo Rosa Maria telefonou e foram até ao calçadão da praia da Figueira da Foz. Verificava-se um calor abafado, como se o mundo estivesse para implodir e nós com ele. Não dormira bem, como era já hábito. Depois de se ter deitado pelas 11 horas da noite, acordou à uma da manhã. Esteve um tempo acordado, lúcido, até contente. Depois, voltou a dormir, até às nove e meia. Não valia a pena esperar mais para cumprir uma felicidade pessoal. Não podia estar à espera dos outros para lhe darem assentimento de como fazer as coisas. Era sobre isso que conversava com

Rosa Maria, ao fim da tarde, junto à praia. De algum modo, ele queria que voltassem a estar juntos, mas pensava que não era possível agora que estava desempregado, que quase nunca pudera trabalhar. Como se pode amar sem ter compromissos sociais, laborais? É uma questão importante. A não ser que nos dediquemos à arte de escrever. Jonas pensava nesta hipótese. Durante a juventude, há que vivermos o melhor que pudermos sem nos preocuparmos com as consequências. Quem nos nega o amor senão nós próprios o direito a amar? Ninguém nos nega o direito a sermos felizes desde jovens, na aprendizagem, são os outros que são um pesadelo para nós, talvez porque queremos vencer através do nosso individualismo deitamos tudo a perder, desperdiçamos energias em imagens mentais que habitam no nosso passado e nos visitam de quando em vez. Será que podemos ser sábios desejando, tendo prazeres carnavais? Jonas acreditava que sim, contudo essa fé veio mais tarde do que ele esperava. Tinha começado bem, dado uns pinotes como um saltimbanco, mas desviara-se do verdadeiro objectivo da vida, que pode ser ou o conhecimento de si mesmo, ou o conhecimentos do Outro. Porquê insistir em mágoas antigas, em dores desperdiçadas e lancinantes, que nos atormentam o espírito como se ainda na Idade Média vivêssemos. Simplesmente, não há explicação. O sofrimento chegou cedo, talvez tenha chamado a atenção. Mais valera não ter acontecido e uma ausência poética preenchesse os nossos dias, uma esperança de encontrar alguém amigo. Uns dizem que o verdadeiro amor não existe. Jonas não era dessa opinião. Segundo ele, o amor pode sempre cruzar-se connosco, independentemente da idade. Pelo menos gostaria de acreditar nisso. Mas como reatar a chama da vida quando a orientação que nos foi dada foi rejeitada por nós, como se quiséssemos um poder igual à impressão que Cristo causou. O poder dos fracos, dos oprimidos. Jonas acreditava que no fio do tempo, poderia surgir alguém que ele amasse verdadeiramente, que não podia pensar no passado como um fardo, nem na sua vida como um fardo que temos de carregar e só com a morte dele nos libertamos. Não pode ser! Uma consciência de si crescia em Jonas dia após dia, mas acordava frequentemente durante a noite e pensava "como sou infeliz". Na verdade, não se devia ao passado a sua infelicidade, mas ao presente. Não tinha desafios para enfrentar, não convivia com ninguém, a não ser a sua mãe, estava só. Esta consciência de estar perdendo aumentava de dia para dia e quanto mais lia menos sabia, mais confuso estava. No entanto, a sua consciência crescia. A consciência de si espalhava-se como um vírus no espaço em redor. Mas porque é que ele tinha de ficar só no mesmo lugar, sem nada fazer? Na verdade, estava nas lonas, não tinha emprego nem via possibilidades de arranjar algum nos próximos tempos. Algo de miraculoso teria de acontecer dentro de si para que a sua situação de sofrimento mudasse. Estava farto de não fazer nada. Lentamente, ia morrendo por dentro. Por mais que lesse sobre filosofia ou esoterismo, não adiantava, parecia não adiantar. Via a morte todos os dias no écran do seu computador. Estava morto para o mundo. Jonas abraçara a loucura. Dormira muito pouco naquela noite e tivera mais pesadelos do que o costume. Sonhara que estava a fumar com Robert de Niro e que o tirava de um poço e ele havia sobrevivido ao tabaco. Sonhara também com o sogro do seu irmão, Teles, que gostava também de fumar e sonhara que ele fazia contrabando de tabaco, coitado do homem, já morreu. Era um homem digno,

importante e tinha um sentido de missão pública, de bem público, como poucos autarcas têm. Mas Jonas, mesmo assim fora a Pombal para ver a sua situação do IRS e do rendimento mínimo. Foi à biblioteca, foi ao Nicola comprar tabaco, tendo cumprimentado o seu amigo advogado Paes Ribeiro, um comunista inveterado que era oriundo também de Riachos e que agora vivia na cidade de Pombal. Uma hora fora de casa deu a Jonas para ver que o muito continuava para além de si. Era segunda-feira em Pombal e as ruas estavam apinhadas de gente, imagine-se como estaria o mercado. Foi a casa da irmã e começaram logo a discutir, estas relações amor-ódio dão cabo de um gajo. Trouxemos o pequeno Tobias para Riachos e falámos na possibilidade de Jonas ser internado num serviço de psiquiatria em Leiria. Era o mais sensato a fazer. Fazer uma pausa. Qual pausa? Fora de facto Jonas à consulta de psiquiatria, mas o médico não ligou nenhuma ao seu sofrimento. Só porque era um serviço público. Teve a impressão de que, apesar de tanto sofrer, não precisava de cuidados psiquiátricos. Estavam lá dois homens para levar injeção, um deles até se notava a face descaída, como se tivesse o cérebro todo mole dos tormentos, perguntou-se se ele ia para a injeção. Para a secção de atrasados mentais. Sim, vou, e Jonas imaginou-se inteligente e como era relativa a divisão entre sãos e atrasados mentais. O que estava em causa e lhe não agradava era uma relação hierarquizada, mas tudo bem, a sua irmã já o ameaçava de que iria viver com o pai, que a mãe em breve se iria embora. O outro homem, decentemente vestido, tinha ido de manhã à mesma hora para Leiria apanhar uma injeção. Por acaso Jonas tinha um almoço combinado com alguém, mas teve de declinar porque não se sentiu bem. Regressou a meio do dia a casa. No autocarro vinha o outro homem que lá encontrara, e notava-se que estava sob o efeito de medicamentos, a voz arrastada, a boca aberta de sofrimento. Como se sofre por ser humano. Como somos indiferentes ao sofrimento dos outros. Jonas ainda teve tempo de ir à biblioteca entregar e requisitar novos livros para a quinzena. A meio da tarde decidiu passar a limpo um ensaio e às quatro horas fez uma pausa e foi ao café. Encontrou uma jovem no caminho. Ainda a convidou para beber alguma coisa, mas ela estava no Messenger e declinou amavelmente. De resto, Jonas imaginava-se tendo saúde para trabalhar, quem sabe daqui a uns meses, era bem provável que sim. Um calor intenso fazia-se sentir. Nada de extraordinário havia a fazer. Existir bastava. Guardava Jonas o dilema de ser doente ou não ser. Era certo que tomava medicamentos, como muita gente. Aparentemente por nada, sofria por antecipação talvez. Mas também não se podia armar aos cucos e dizer que não tinha nada. Pudesse ele viver os dias e escrever inspirado e não queria mais nada. Não havia nenhum projecto ou desafio rasgado a partir do seu coração. Apenas prepara-se para alguma eventualidade, esperar conscientemente.

Fizémos a viagem de carro até ao Algarve. Eu levava algumas cassetes de Erasure e Depeche Mode o meu primo dizia-me que Elton John era o seu preferido. Fomos até à praia de Manta Rota e vimos lá uma jovem nórdica no areal. Seguimos os seus passos. Ela desapareceu pela praia adentro. Fomos tomar um copo num café-esplanada até que fizesse frio e noite. É o que Jonas lembra. No dia seguinte (há sempre um dia seguinte) Jonas pensou que estava perdendo a razão de vez, que não teria mais iluminação para os seus escritos. A única notícia do dia é que as fitas

para a máquina de escrever já tinham chegado. Desta vez lia *A Rebelião das Massas*, de Ortega e Gasset, no entanto nada demais lhe acontecia. Talvez só dentro da sua cabeça tudo estivesse confuso. Tirou três carraças ao gato, uma das quais desapareceu. Fumou um maço de cigarros durante a noite. Agora não tinha mais dinheiro, tinha de esperar pela vinda da irmã. Havia discutido ontem, a mãe a irmã e Jonas. Tudo a propósito de nada. Tanto barulho para nada. Havia uma dor de cabeça, uma noite mal dormida, porque Jonas não conseguia dar mais, estava farto. Talvez se declarando louco os outros lhe fizessem alguma coisa. Mas não valia a pena. Nesse dia fora atribuído a Paul Auster o prémio Príncipe das Astúrias. E ninguém sabia que este autor começara esta obra sob sua inspiração. Ou talvez soubesse, talvez alguém se lembrasse um dia de abrir estas palavras para saborear as suas vitaminas. Fosse como fosse, Jonas não se permitia mais ser espectador, contudo estava extremamente limitado nos movimentos. A situação nunca fora tão grave. As mulheres não compreendiam, talvez porque quisessem outra coisa incompreensível. Jonas estaria pior que Bauby em *O Escafandro e a Borboleta*? Acontece que um europeu ocidental decidiu saber porque é que não conseguia emprego. Ele suspeitava que seria pelo seu passado e que noutra terra poderia talvez facilmente conseguir uma actividade que deve o tão almejado rendimento mensal. Talvez estivesse desactualizado, ultrapassado. Mas podia de certo modo provar que tudo o que fazemos, a não ser por efeitos de drogas, é resultado de uma consciência que caminha e dos arrombos que recebemos dos outros. Outro intento deste cidadão europeu ocidental seria o de saber porque é que não publicariam a sua obra, mesmo tendo consciência de que ela, independentemente do seu valor, tinha sido construída à revelia dos grandes poderes editoriais e literários do seu tempo. Não, este homem não queria rebelar-se contra o seu tempo e ser alguma espécie de profeta religioso. Não queria que o seu nome ficasse associado a nada que não fossem os seus escritos. Talvez devesse fazer uma viagem à capita do país para ver como paravam as modas. Tinha-se dito que Lisboa se havia modificado, que as pessoas andavam em trânsito, que muitas delas tinham deixado o carro em casa ou simplesmente vendido o veículo. Finalmente, Lisboa podia ser um porto de abrigo para as suas pretensões literárias, já que as científicas se limitavam a querer justiça em vida para uma obra. Não, não queria o seu nome num monumento, nem um busto onde viessem defecar os pombos. E se em alguma coisa insistia seria em ver publicada a sua obra, desconhecendo que o seu povo desprezava os livros e que ele próprio estava já farto deles. Mas continuando a questão do emprego, o que poderia aferir era se havia uma conspiração contra ele, cidadão anónimo, por ter frequentado mulheres da vida. Naquela sociedade atrasada, que muito dificilmente saíria do seu lugar, o que mais valia para si próprio seria ser independente de espírito. O mesmo quando à independência económica. Simplesmente, o homem tinha aberto uma caixa de Pandora e usava o cabelo botado para trás por ter visto a realidade, não a realidade, mas uma realidade. Por isso duvidava que alguém pudesse alguma vez ver realidade alguma. Tinha consciência dos seus limites, das suas transgressões, não em nome de amigos que o podiam simplesmente ajudar, coisa que nunca rejeitaria, mas em nome de uma moral, de uma moral abstracta que como toda a abstracção, era deduzida da realidade. Estas

histórias do acaso haviam começado por um anúncio de jorna. O clima estava quente e desértico, sentia-se um cheiro de morte no ar. Simplesmente ninguém se importava e talvez fosse melhor assim. Deste modo, a vida poderia continuar a existir, a ser tudo aquilo que era dantes, antes de a questionarmos. Pois Jonas colocara um anúncio, não se importando com as consequências, não pensando, não imaginando as consequências. Talvez estivesse ido contra o Código de ética de um grupo sócio-profissional. Contudo, não cremos que tivesse assim tanto ofendido as pessoas que merecesse estar na condição e que estava. No entanto, atrevia-se a pensar e mais, muito mais do que a maior parte de todos, dava conta disso por meio das palavras. Não interesse que alguém não chegasse ao fim no que ele tinha de dizer. O mais importante é que talvez a divulgação mesma da sua obra estivesse dependente do acaso. Não vivia, como Paul Auster, numa grande cidade. Mas tentara, talvez demasiado sozinho, fazer certas coisas, sair do seu país, contactar com outras realidades, aferir aquilo que tinha lido e visto na televisão com aquilo que iria encontrar. Seja como for, não havia volta a dar. Jonas estava condicionado pelo dinheiro. Não seria ousado pensar que teria de pagar para trabalhar. Mas também não fazer nada era chato. Precisamente por isso se devia dar valor ao que escrevia. Contudo, sabia que a sua obra não podia vender o mesmo que outras no mercado de língua portuguesa. E quem além-mar ou além terra se iria importar com um português preocupado. Simplesmente, não havia com que se preocupar. Amanhã sairia de casa e teria diante de si o mesmo cenário de sempre, aparentemente um povo que se arrastava na sua história, como tantos povos europeus. Não, porque a libertação por que esperava estava longe e essa obtê-la-ia simplesmente com a morte. Seria preciso morrer e mesmo isso não bastava para que lhe dessem atenção. Era uma questão de justiça? Talvez. Contudo, não considerava a sua obra inacabada, não tinha dito tudo o que haveria por dizer. Naqueles dias iria descobrir porque é que não lhe davam emprego no centro do país e em Lisboa. Sim, porque afinal de contas procurava apenas um emprego e queria ver o leitor na mesma situação para ver o que faria. Se usaria a cabeça se entraria em desespero. Era isso que se esperava de um leitor.

Jonas tinha de sair de casa, sair da casca. E mulher professora que conhecera por telefone estava prestes a encontrar-se com ele em Coimbra. Não procurava esconder tudo, mas podia disfarçar que tinha emprego e boas condições de vida, afinal ninguém nos paga para termos a moral em baixo. A pouco e pouco Jonas reerguia-se de um pesadelo que podia acabar simplesmente com um contrato de trabalho. As mulheres não eram o mais importante. Como sua mãe dizia, quando conseguisse trabalho tudo viria a seguir. Entretanto as inquirições sobre a conspiração para não lhe darem trabalho tinham sido suspensas. Porque haveria ele de preocupar-se com isso? E porque haveria de preocupar-se com uma mulher que não era flexível, que queria um homem que correspondesse à sua ideia de homem. Lembrava-se afinal de contas que não estava em Nova Iorque, mas em Portugal, nem sequer em Lisboa. Depois de um período de reflexa sobre a validade ou não do seu comportamento, tinha decidido atacar. E atacar era ganhar o seu sustento. Ainda tinha muitas energias e desse por onde desse iria conseguir. O facto de não ter automóvel não era indício de nada. Simplesmente havia muita gente que tinha

automóvel e Marta tivera um acidente de automóvel e agora não andava de carro, não se deslocava de carro para o emprego. Contudo, Marta já não lhe interessava desde há muito tempo. Iria naquele fim-de-semana finalmente agir. E porquê preocupar-se em dar uma de honesto e bom português exemplar, quando ninguém se importava. Que lógica ter quando os outros não tinham lógica? Ocupava algum cargo onde a ética fosse o fio condutor da sua acção em nome dos outros? Não, estava livre por isso podia fazer o que quisesse. Se a professora não quisesse, podia querer a psicoterapeuta, podia querer outra. Mulheres não faltavam. Ele é que se adaptava a toda a qualquer mulher. Podia muito bem ser um D.Juan. No entanto, seria mais a fama do que o proveito, como em muitos casos. Jonas resolveu de novo ver pornografia. E que havia depois disso? Logo naqueles dias, em que contava ir trabalhar para fora, logo naquela altura em que estava mal da cabeça, a maior parte do dia deitado. Mas não podia descansar sobre nada, não tinha sequer sido um percalço mas o resultado de um hábito, da necessidade de ver obscenidades a fim de fingir que alguma coisa acontecia no seu mundo. Os dias eram difíceis, no entanto tinha planos. No mês seguinte iria tentar a sua sorte em Lisboa, no trabalho temporário. O seu intento seria juntar algum dinheiro para viver razoavelmente ou ir para fora trabalhar. Às vezes apercebia-se que já não tinha forças para lutar, para recomeçar a vida, mas teria de detectar alguma coisa. Fechado todo o santo dia em casa com a companhia da mãe e do sobrinho não dava. Aquilo não era vida para ele. Tinha, apesar de tudo, de tentar. Alguma coisa havia à sua espera? Algum trabalho?

São tortuosas estas estórias do acaso que se passa com Jonas, como se estivesse nalguma barriga de uma baleia, vendo o que esta tinha comido, pois por ser o maior animal do mundo nela podia conter um pequeno mundo com todos os seus componentes. Mas sabe-se que Jonas não ficou, segundo o relato bíblico, nem morto nem vivo dentro da baleia, mas que saíu, segundo alguns desenhos animados, pelo repuxo que estas têm na sua crista. É pois, portanto, o sinal de que Jonas, embora andando perdido no mundo que alguém comeu, pode de um momento para o outro, pode sair desse mundo para o mar que o levará certamente a terra firme.

Estas aventuras de Jonas dentro da barriga da baleia que é o país onde habita estão longe de terminar. Poderão continuar num outro país quando Jonas sair pela boca ou pelo repuxo de respiração da baleia. Poderão continuar na Irlanda, onde Jonas tem a ideia de ir trabalhar. Para isso, para conseguir um emprego, precisa apenas de saber falar inglês, um trabalho garantido no local de destino e algum dinheiro para a viagem e o primeiro mês de trabalho. O local pode ser também o norte da França (Paris) ou a Bélgica ou mesmo a Holanda. Levará o seu computador consigo para poder escrever as suas viagens. Ficarão agarrado ao seu tsunami para todo o sempre, descrevendo as impressões que o contemplam e os cenários humanos e naturais sociais que por ele serão experimentados. Pode ser também a Dinamarca, ou o norte da Alemanha. Mas terá de ir a Bergen para o semestre lectivo de inverno na universidade e seria bom que, como estudante convidado, pudesse assistir às aulas e fazer os seus trabalhos sem pagar propinas. Com dinheiro ganho e trabalho até 1997 poderá estudar durante cerca de seis meses ou meso só três meses num mestrado ou doutoramento na Universidade de Bergen.



Para tal poderá ainda contactar um professor seu conhecido a fim de ter apoio do programa Erasmus. Tem de aproveitar o facto de ser cidadão comunitário. Os States poderão vir mais tarde, quando tiver dinheiro e emprego garantido até. Até lá pode ser que conheça alguém que queira partilhar com ele esta aventura ou poderá mesmo encontrar alguém pelos caminhos a percorrer. E isto de a literatura falar acerca do passado, de se referenciar ao passado é ainda de alterar. O estilo presente, virado para o futuro é bem mais interessante. Agora basta ir para Lisboa ganhar algum dinheiro, ver oportunidades do programa Eures, pôr lá o se curriculo e esperar, ir vendo as oportunidades de trabalho, que pode bem ser a vindima ou a apanha de morangos ou mesmo na construção civil, como pintor. O destino final será ficar a viver em Oslo ou Estocolmo, quem sabe como professor de antropologia, como sempre desejou. É preciso ter esperança, estes desejos de Jonas do mar até terra firme irão cumprir-se. Já não falta muito. Jonas estava naqueles dias de verão de um reino de Portugal no princípio e no fim de qualquer coisa. A sua vitalidade sexual já não era a mesma, mas encontrou uma jovem mais velha, numa terra distante, que honesta como era, mostrou-lhe o seu corpo e falavam ambos como se já se conhecessem há longo tempo. Falavam como se conhecessem há muito tempo e nessa noite fizeram amor e Jonas sentia que finalmente tinha encontrado uma companheira que era simples como as flores vindas da terra. Os seus planos para ir viver com ela podiam ser rápidos, não podia perder mais tempo. No entanto, mantinha vivos os planos para trabalhar num país do norte da Europa. Tinha de escolher entre o nada e alguma coisa, entre a estabilidade emocional e as relações fáceis, entre o amor e a paixão. Não sabia se iria encontrar um amor eterno. Iria dormir dali a pouco. O dia tinha sido vão, não fosse a companhia dos sobrinhos e dos familiares. O mundo era perfeito. Bastava que ele desse um passo certo e ficaria feliz com alguém. Aquilo que procurava há muito tempo estava ao seu alcance por uma simples viagem à Terra do Nunca, dos Acasos e da Natureza Imoldada e pura. Um grande romance podia começar nessa terra, um romance para sempre eternizado em plena natureza. Afinal de contas podia ser que dali a algum tempo a sua nova amada pudesse viajar com ele para o norte da Europa para ganhar fama e fortuna e por lá ficar. A questão era escolher entre um grande amor e a vida nas cidades, stressada e imprevisível, plena de exigências. Os próximos meses iriam ser decisivos na sua escolha. Não ansiava assim tanto por Lisboa, estar trabalhando em Lisboa para se guardar secretamente, mais valia partir decisivamente para esse amor na Terra do Nunca. É claro que com a sua idade não podia pensar nas coisas num plano estritamente sexual, como um *flirt*. Era possível viver com alguém e depois logo se veria o que aconteceria. Não tinha medo de arriscar. Se desistisse agora, talvez se arrependesse para sempre. Pelo menos podia esperar que esse alguém, essa pessoa, poderia estar sonhando com ele naquelas noites. A verdade e a felicidade estava ali mesmo ao lado, naqueles dias difíceis e indefinidos. Jonas tinha opções. E afinal de contas qual a diferença entre conhecer uma pessoa sob o ponto de vista informal ou por carta? Seja como for, depois de tanta indiferença, tinha agora assunto de vida. Tudo em vão. Ela talvez pensasse que ele fosse um tarado sexual. Só que lembrava a amiga Alexandra que o chamara o mesmo referindo-se a Al Berto

quando ele desejava simplesmente fazer amor com ela e ela simplesmente fazia sexo com um pescador e ainda por cima teve a lata de o convidar para o seu ninho sexual arriscando-se Jonas a levar uns murros. Era ela a mais perversa, porque Jonas era o mais honesto possível, apenas a desejava e não compreendia o porquê de um jogo daqueles. Estas ofensas doem mais do que as simples relações humanas do dia-a-dia. São coisas que não nos dizem na altura mas mais tarde, talvez por não ter trabalho, o espírito recobre nestas ofensas. Ou como aquela que dizia "faz alguma coisa" e que já tinha um arranjo com um professor. Jonas tinha afinal de contas raiva de ter apostado nas pessoas e na humanidade quando todos o haviam desiludido. Contudo, não podia ficar à espera que alguém se lembrasse dele. Isso não acontecera em dias e meses e anos de espera. Não iria acontecer agora. O método seria esquecer que podia reencontrar na sua memória macerada alguma recordação de infância que lhe fizesse viver um grande amor. Nem sequer os anúncios eram importantes, porque não havia ali uma base comum de entendimento, apenas duas pessoas que concordavam em se juntar porque se sentiam sós ou queriam fazer sexo. Simplesmente, o verdadeiro amor e nisso tarde Jonas concordava com alguns, não existe. Existe nos poemas de Shakespeare, mas a voz dos outros trata de fazer todo o resto. Ali estava, no centro de um país chamado Portugal, que poderia bem deixar de existir dali a um século ou dois. Quem se lembraria dos portugueses? Como os etruscos, os egípcios, não seriam senão um povo em vias de extinção. As nações são efémeras se virmos o tempo distanciado. Não, Jonas talvez não fosse um escritor. Um escrito vê sua obra publicada, fala sobre ela nos *media* e gozam de admiração e aceitação geral. Também há os escritores malditos e talvez sejam eles o próprio motor das sociedades. Porque as pessoas comprazem-se em julgar facilmente, ostracizando, pensando que o maior dos males sentido por elas próprias reside na pessoa que estão a olhar ou com quem estão a falar. Já não falo de racismo baseado na etnia, mas de ostracização pelo diálogo, exclusão de oportunidades. No fundo, as pessoas não querem dialogar como Sócrates, querem ter razão, obter ascendente, fazer marcar o seu ponto de vista e lucrar com isso. Não se concebe uma relação harmoniosa sem falta de amor e compreensão mútua. Que palavra vã o amor para quem vê o desejo esfumar-se! De qualquer modo, quem fala assim também tem o seu orgulho e quer ser reconhecido por alguém dado a alguma coisa que terá feito de válido. Em quê portanto acreditar? Se estamos loucos e estamos proibidos de enlouquecer em nome de várias coisas, em quê acreditar? No futuro, seja ele com desejo sexual ou não. Simplesmente, não estamos a tratar aqui de uma coisa supérflua ou pornográfica. Estamos a tratar de um ser que quis seguir o Bem e Amou Deus e deixou tudo para se entregar a essas causa e que as abandonou pelo amor terreno, humano, vulcânico e que foi rejeitado, ora porque não trabalhasse, ora porque a mentalidade das pessoas fosse demasiado tacanha para o compreender. Estamos falando de um ser que não desiste, não se vitimiza, antes pelo contrário, que admite que tudo é possível enquanto houver esperança. Foi este ser que se masturbou até à dor física porque não conseguia ou não teve a sorte de encontrar parilha. Um ser que queria um corpo, que toda a vida procurou criar condições para habitar com outro corpo sem hipocrisias, porque afinal de contas queria fazer as coisas bem. Pode-se dizer

que não tinha coragem para afirmar a sua honestidade. Pode-se também dizer que os outros lhe dificultaram a tarefa. Se fosse como muitos levava o caso aos jornais, à televisão, mas sabe o que é o sofrimento e a solidão e que outros poderão estar a passar do mesmo. Porquê permitir que as pessoas vivam na solidão? Não há afinal esperança neste mundo? Tudo é vão, todas as glórias deste mundo se desvanecem quando nos sentamos ou deitados compreendemos o quanto somos frágeis diante do infinito. Poderá alguma vez a mente de uma pessoa conceber o infinito? Mais, acreditar no infinito? O que se pode dizer é que o investimento feito por Jonas não logrou êxito. E quais terão sido as razões? Decerto o discriminaram por gostar de sexo. Decerto havia uma conspiração qualquer para que lhe não fosse permitido sucesso. Contudo, era tarde para voltar atrás. A raiva que lhe restava seria gasta num trabalho físico, no garantir a sua subsistência até que o coração parasse. O facto da pornografia dificultava a sua relação com as crianças e toda a sua perspectiva da educação e do ter filhos. Assim, o futuro era incerto. Podemos alegar que tinha problemas de inserção, que não tinha apreendido o que de bom tinha aprendido. Contudo, não vejo razão para julgar este homem. Dali a uns anos viria a casa dos pais, estando os pais já mortos e discutiria com os irmãos sobre o melhor destino da herança paterna. E podemos alegar também porque terá Jonas provocado a ira e o silêncio do pai, deixando tudo para o rio do esquecimento? Jonas que se desenrascasse, mas ali não tinha futuro. Nem no centro, nem no norte, nem em Lisboa. Agora, o desejo de partir, nem que fosse morrer à chegada noutra terra, era forte como nunca. Estava revoltado pela indiferença dos seus e nada de bom tinha a dizer sobre eles. Iria chegar a outro país e queixar-se de ser português? Queixar-se do inferno em que vivia? Como fazem os outros? Não podia aguentar mais fazer as coisas que fazia sem esperar que a sua realidade, a realidade de ver os outros, soçobrasse de um momento para o outro. Estranhamente ou não, por isso ou não, Jonas adorava cataclismos. Gostava de ver a natureza zangada, porque de alguma maneira era uma desfeita para a humanidade, que alimentava tantas preocupações com a vida eterna, com a preservação da sua espécie, dos seus saberes, logias e crenças, que queria ver aquilo tudo destruído. Acreditaria ainda na espécie humana por quanto tempo Jonas? Seja como for, não se podia autodiscriminar mais, tinha de procurar outros humanos que, como ele, tinham tentado e deixaram de acreditar. Talvez a solidão e o isolamento tivesse feito mal a este ser. Talvez houvesse quem tivesse sofrido ou sofresse mais do que ele na actualidade. Simplesmente, como diz o humorista, a explicação reside mais ou menos nisto: não havia necessidade. Quando saíra do seminário, não se apercebera como estava cego. Tinha mulheres aos punhados esperando por si. Contudo, algo corria mal, porque não se encontrava com elas, não namorava. Como se precisasse de um corpo e estivesse farto de se resignar a satisfazer-se sozinho, Jonas frequentou casas de mulheres da vida. Que pensava ele sobre elas agora? E naquela altura? Afinal não tinha entrado no jogo perverso de ter de pagar para ter sexo? O que diferencia o sexo do amor? Tarde compreendia que há uma grande diferença. Mas não procurara ele desde sempre o amor e, como tímido, adiar as coisas, quem sabe à espera que alguém lhe desse aprovação, lhe desse indicação. Não precisava dos outros para isso! Tinha de ter

seguido o seu próprio caminho, não se importando com os outros. Tinha de ter sido mais egocêntrico, se é que se pode dizer. Tinha de ter persistido, resistido, sofrido por não ter compatibilidade com alguém, como tantos outros. A genitalidade tinha-o feito perder o amor. E porque é que o autor confessa de Jonas estas coisas? Isto nada tem de literário, dizer mal dos personagens, humilhá-los. Simplesmente, Jonas havia sido humilhado por desejar. Esta é que é a verdade. Assim chegamos a uma conclusão mais ou menos satisfatória. Ofendido, humilhado, ostracizado, simplesmente por desejar. Então os outros que desejam e não se sentem humilhados? Qual o traço que os caracteriza? São perversos? Tarados? Ou simplesmente homens perdidos, como ele, vivendo uma condição humana que nada tem de engraçado, que mais penas do que alegrias nos traz? Dor de cotovelo? Não, Jonas sabia do seu valor e se não tinha singrado até ali, alguém haveria de reconhecê-lo um dia por entre a floresta dos desejos. Não invejava o sábio, o político, o cientista, o homem de letras, o homem bem sucedido. Então porque não queria como os outros o sucesso? Porque muita coisa estava em jogo na cabeça de Jonas. Não que se considerasse supremamente importante ou tivesse um Ego pretensioso. Simplesmente, porque continuava a desejar e esse fora o lema da sua vida. Que mais prova de altruísmo? Seja como for, não iria dali em dia permanecer apático, queria apenas observar, participar, fazer parte de alguma coisa. Se fosse uma coisa importante, tanto melhor. Mas existiria ainda alguém à face da terra que o aceitasse, isto sem juízos de valor? Existiria alguém ainda que o compreendesse? Talvez fosse melhor não pensar demasiado nisso. São as relações sociais que fazem um escritor. E diga-se, este homem não era forte em relações sociais, por muitas razões. Havia nele uma espécie de nostalgia pela terra pátria perdida, como se fosse um andarilho, um Pensarilho. Aqui estão enumeradas as razões porque Jonas não lutava. Porque não valia a pena, em nome de nada lutar. Talvez algo de importante estivesse à sua espera. Ou uma vida como trabalhador explorado. Os dias passaram, dois dias, e perdera da memória as mulheres com quem falara por telefone nos últimos dias, parecia ter acabado um tempo de assédio onde não lucrara nada, no entanto ficara consciente da situação de desempregado em que vivia, a vida psicológica precária que experimentava nos seus dias. Estaria acabado? Decerto que já não possuía a força dos vinte anos, que muita água passara debaixo da ponte. As imagens que alimentavam a sua mente durante o dia eram diferentes das que a alimentava na noite. De noite tinha anseios e projectos, mesmo quando ficava acordado dolorosamente noite dentro com insónias. Esta vida era uma chatice. Para Jonas, sempre no mesmo lugar, sem poder sair, com dinheiro para nada. O pior é que não podia fazer nada de arrojado, talvez nem fosse obrigado a isso, bastava ganhar algum dinheiro. O seu amigo Gabriel sugerira-lhe um emprego em Leiria mas Jonas evitou dizendo que precisava de um trabalho manual. Nessa tarde correu mal. No entanto, talvez voltasse a falar com o seu amigo.

Neste mundo de respostas fáceis era difícil a Jonas encontrar o verdadeiro amor. No entanto, com Carla sentia que tinha sido amor à primeira vista, contudo ela era muito reservada o que tinha o seu encanto. Todas ou quase todas as mulheres que tinha conhecido diziam saber muito bem o que queriam, ou seja, não queriam nada com Jonas naquela altura. Seja como for, já todas tinham passado à

história. Agora era o silêncio de Carla que fascinava Jonas, uma mulher bonita apresentável, magra, seios pequenos, que tinha sido já casada e com quem Jonas sonhava dormir. Nos dias seguintes haveriam de combinar qualquer coisa para ir até à praia. Ambos, diga-se atentamente, estavam desempregados, talvez procurassem ambos a mesma coisa, amor e trabalho, duas coisas essenciais aos tempos modernos. Neste mundo de respostas imediatas Jonas continuava a viver isolado, com a família é certo, mas ainda não tinha constituído família. Sentia com Carla uma segurança que não sentia com as outras mulheres, como se elas se fossem escapar de um momento para o outro para as mãos de outro homem. Definitivamente, ao responder ao anúncio que Jonas colocara, Carla sabia exactamente o que queria e isso era exactamente o que Jonas queria, ou seja, fazer uma vida a dois. Agora só havia, finalmente depois de várias tentativas frustradas de Jonas, só havia que alimentara relação. Tinham passado os recentes dias de visionamento de sexo por parte de Jonas. Ele sabia que estava a ir por um terreno perigoso desde há já muito tempo. Mas ainda era tempo de consertar o caminho, de escolher o verdadeiro caminho e esse passaria por amar alguém, apaixonar-se. Não importava que o desejo já não fosse o mesmo dos vinte anos. Tudo isso era mágoa que estava esquecida. Só queria viver o presente. E o futuro, já agora. Vistas bem as coisas, Jonas tinha tido arrojo ao voltar atrás no caminho para conhecer Carla naquele dia. Fora amor à primeira vista. Talvez esse amor perdurasse. Não sabia bem Jonas se era correspondido, mas pelos visto, pelas poucas palavras de Carla parecia que sim, que era correspondido. Tudo dependia dos próximos dias. Iriam eles continuar a ver-se? Naquela noite de verão, era já noite e estava incomodado. Carla não respondia, estava em formação profissional, decerto preocupada com a filha pequena e Jonas, que prometeu telefonar-lhe pelas 11.30 não o fez porque não estava com cabeça e aliás adormeceu. Fumava desesperadamente ante o silêncio de Carla. Decerto que ela estava com dificuldade. Jonas amava-a e iria sair com ela. O que não impedia que contactasse com outras mulheres. Afinal fora ele quem pusera o anúncio e queria levar aquilo até ao fim, desse o que desse. O dinheiro que sua irmã punha na sua conta telefónica iria ser retribuído, o dinheiro que a sua mãe lhe dera iria ser retribuído, não interessa sobre que forma fosse, mais cedo ou mais tarde iria ser retribuído. Não se tratava de levar mulheres para a cama, a não ser a psicóloga do Porto que se deslocava a Lisboa, essa sim ele queria levar para a cama e ser um safado com ela. Havia de haver oportunidade para isso. O que se dava adrenalina eram os encontros, sempre novos, com alguém que estava predisposto para algo e que nunca vira na vida e com que se podia acertar na vida. Realmente, Jonas, não estava a trair ninguém, pois não tinha compromisso com Carla ainda, estava numa fase de conhecimento e precisava de cimentar o conhecimento com várias mulheres para poder avançar, com as condições que tinha, para uma delas. Era simples como a água. Oxalá pudesse esquecer todas as coisas pornográficas que vira. Na verdade, estavam gravadas na sua mente como espinhos, mas também lhe agradavam essas imagens. Era a moral a trabalhar. Certamente que iria voltar ao normal, arranjar uma ocupação, fazer algo de válido, ganhar dinheiro para um carrito, que também lhe interessava muito e nestas coisas é muito prático, pois se queremos de repente

ir à praia, logo damos lá um salto. Se não aparecesse emprego, decerto que no verão iria aparecer alguma formação empresarial ou coisa parecida. Jonas estava melhor no meio da noite depois daquele início, antes de se deitar, em que tudo estava confuso e que não tinha a certeza se Carla o amava. Precisava de aferir isso nos próximos dias. Amanhã iria certamente com ela à praia. Estaria com um corpo e uma alma deitados a seu lado e podia fazer-lhe alguns carinhos, se ela deixasse. Poderiam beijar-se, se ela assim o desejasse. Ou mais tarde, noutras saídas. Podia apresentá-la à mãe, creio que a mãe de Jonas iria gostar de Carla. Mais do que de Natália. Decerto que havia uma conspiração para com este homem. Talvez fosse errado pensar assim, mas escrevemos apenas de modo demonstrativo, porque ainda temos tempo de vida e não descobrimos nada de mais satisfatório para fazer. De repente, a sua escrita tornou-se pesada e vingativa. Era como um longo processo judicial. Nem K. tinha tido a oportunidade de se defender de tal modo. Como se quisesse remar contra a corrente, o tempo ia caminhando devagar pela sua testa enrugada. Jonas tinha tido um acidente. Como explicar que tenha sobrevivido? A escrita, mais do que um ritual, era pena e sofrimento, como se tivesse dever de dizer as palavras que outros simplesmente não escreviam. De qualquer modo, tudo estava ligado, e não existia nem o bem nem o mal. Na verdade, quando começamos a empreender uma tarefa de escrita pode bem ser um acto de suicídio moral. Isto era o princípio para não gostarem da nossa obra. Contudo, Jonas tinha-se por autor dos pensamentos que lhe ocorriam, achava-os até desligado de toda a sua vida. Esse era o problema. Contudo, começava a compreender o quanto envolvido estava num desafio que lhe tinham imposto. Acaso tinha de provar algo? Não seria, mais uma vez, a escrita, uma forma de suicídio físico? Sabia, sentia que tinha nascido com um dom de explicar as coisas, contudo as explicações não rendiam naquele tempo o suficiente para comer ou respirar. Como fazer dinheiro no deserto? Inventar-se a troca? Mas temos de ter algo para dar. Tudo o que é feito é para sempre. Não há desculpas, não havia necessidade, mas piores coisas acontecem neste mundo. E tais coisas para quem se debruça sobre relações humanas, podem parecer espaçadamente mais importantes do que o diálogo. Porque é que tudo tinha de ser cerebral? Porque é que se tem de pensar com pensamentos e não com coisas? Sigo no trilho de Rilke, não conheço grande coisa da sua obra, é injustificável, nem sei que profissões terá tido nem sei mesmo se é do século passado. Talvez a imortalidade resida precisamente no pensamento, que nós queremos travar como uma torrente de lava para observar, não se explica e o acento no obscuro é que disse alguém um dia que se tratava de um olhar, de alguma coisa honesta. Se a Igreja tem razão, se o sexo é divino por que não fazê-lo como o beija-flor, tentando alguma coisa de mais duradouro, sabendo que se podem atravessar discussões e quebras de espírito pelo meio mas neste mundo de incertezas há quem escolha as ideias fixas e quem escolha as voláteis. Tá bem, não é só uma questão de ideias, é também de fazer, efectivar. Mas para isso é preciso que saibamos viver na história, não tentando por amor de Deus fingir que nada aconteceu antes de nós. Jonas concluiu naquela noite que nada sabia de mulheres. No entanto, o encontro de Jonas com Carla ficou suspenso por causa de um jogo de futebol. Sim, nessa altura jogava a selecção nacional de futebol com a sua

congénere Mexicana para o Mundial de 2006. Todo o país embandeirava pela selecção, pretendendo repetir os feitos de 66, onde Eusébio fora génio. No entanto, naquela noite Jonas dormira positivamente bem, acordando como se fosse para o trabalho, às 6.30 da manhã, como era hábito. Estava em condições de trabalhar, apesar de ter apresentado um pedido de pensão junto da segurança social. As pessoas simplesmente não acreditavam que se podia ter problemas de cabeça e ser-se inteligente ao mesmo tempo, essa era a prova a que se submetia Jonas no Reino e se tinha energia para amores fáceis porque não tinha energia para trabalhar. Simplesmente a mágoa do passado era ainda grande. Havia um trabalho a fazer e não podia ser feito de um instante para o outro. Precisava de ajuda, ao mesmo tempo pretendia ajudar os que tinham tido experiência semelhante, pois só nesse aspecto infelizmente podia ajudar os outros. Todos os outros aspectos de ajuda seriam mero rendilhado. Sonhara com um supermercado, com um apresentador de televisão, com a mãe, com um abismo em vórtice no qual não caíra, sendo salvo pelo apresentador a mais alguém masculino, no entanto, estava à espera de ser conduzido a uma biblioteca da Idade Média e alguém (quem seria este personagem, Virgílio?) o conduzira a um posto de leitura, onde escolhera um posto que era na verdade um velório de duas crianças pequenas, ao que Jonas recusou ter de admitir, pelo que foi com um amigo para outro posto depois de ter comprado comida estranha, um peixe estranho juntamente com uvas, bananas talvez e outra fruta, bolos de caracol. Ali duas belas mulheres maduras os seguiram e com eles ficaram a jantar ou almoçar, não se distinguia se era noite ou dia. Continuamos no trilho da ideia sugerida por Rilke, lida num suplemento literário de um jornal nacional. Naquele dia retira-se em casa para fazer várias coisas: ler, escrever um pouco, enviar umas cartas, fazer o melhor que sabia fazer: esperar. Contudo, algum sentimento de impotência apoderava-se do seu espírito, mas sentia-se preparado para trabalhar. Se tivesse condições sairia do país, podia ser que as experiências anteriores no estrangeiro, ainda dentro da Europa, não fossem mais do que meras experiências. No entanto andava de carro, com a mãe no lugar do morto e a irmã grávida conduzindo, ele atrás pungindo a sua condição. A cena repetia-se sempre que ouvia a canção de Moby. No entanto, o melhor era continuar a caminha por meio da floresta dos enganos, arriscando o seu rosto em ser desfigurado, o corpo maltratado, mas teria fé que um dia chegaria a algum lugar, que teria alguma vitória. O silêncio dos outros calara-o, também não queria que meio mundo fizesse e desfizesse dele, Jonas não tinha grandes dons de oratória. Quando os podia ter desenvolvido não o fez e agora tudo o melhor que sabia fazer seria conversar. Conversa de café? Veríamos. Na verdade, se fosse outro, tinha, ainda falando dos tempos académicos, feito render a força física que mais ninguém tinha naquele âmbito, só que os outros estavam mais bem preparados para a tarefa sócio-antropológica, porque não aceitar isso? Os tempos agora eram felizmente outros. Jonas não queria ser especialista em nada, nem solicitado para dar opinião (talvez quisesse algures secretamente) mas ser um cidadão normal.

Dormira sobre o assunto. A natureza que havia em si, feroz e regeneradora, tinha feito alguma coisa por ele. Não precisou de dar mais do que alguns passos naquele

dia. É evidente que continuava a procurar emprego, que tinha abertas possibilidades para o futuro. Mas naquela manhã tudo se fizera claro no seu espírito. Aquele desconhecido, um peregrino vindo da Bélgica, simplesmente fê-lo ficar de boca aberta, de alma aberta. Conversaram algum tempo em inglês, ele tomou um café com leite para retemperar as forças. Quando disse a Jonas que tinha vindo a pé de perto de Antuérpia, tinha feito todo esse caminho a pé, a alma de Jonas ficou parva. E ele tinha-se deslocado inutilmente para comprar tabaco às 8 da manhã no café da aldeia. O mais espantoso é que o peregrino trazia um mapa português com sessenta anos e procurava os trilhos com menos movimento. Tinha passado em Vermoil finalmente alguém importante. Não precisava de procurar mais. Toda aquela simplicidade convertera-o. Ontem pensara em como gostava da aldeia em que morara, em como seria difícil sair do país se tivesse em conta uma memória individual composta de coisas inconvenientes. O que teria feito na realidade o peregrino para ter a coragem, a fé, a humanidade de visitar lugares sagrados. Para Jonas é evidente que ele era um peregrino. Mas na realidade parecia ser algo mais: um homem em movimento pela humanidade. Talvez estivesse estado já noutros lugares que não na Europa. Talvez, era admirável como tinha vindo de da Bélgica a pé, com uma mochila e um mapa, com dinheiro suficiente para pernoitar, ou talvez não trouxesse assim tanto dinheiro, sabendo em que albergues podia pernoitar. Certamente que duns dias para os outros dormiria por vezes nos campos, ou seguiria uma rota estabelecida há séculos por outros peregrinos? Foi sem dúvida admirável aquele encontro e Jonas não se iria ficar por ali. Iria fazer o mesmo, iria até Santiago e depois Lourdes. Tinha encontrado finalmente um meio de conhecer a Europa. Este encontro resultara numa tomada de decisão de algo importante para si. Está no fim este conto. Um parêntesis para dizer que, segundo as notícias, Mia Farrow esteve em Lisboa no âmbito de um festival de cinema. Jonas comprara há alguns meses um filme de Woody Allen, *Intimidade*. Talvez Jonas não visse bem a ligação entre cinema e realidade. Talvez por isso decidira preparar a sua viagem: Santiago, Lourdes, Chestokowa. Talvez se encontrasse consigo próprio. Talvez estivesse louco. Mas foi o que lhe aconselhara o peregrino para deixar de fumar. Não estava a fugir de nada, tinha de começar a planear as coisas. Talvez nem estivesse procurando-se a si mesmo. Mas tinha de ir. Assim, este conto termina com esperança, com uma viagem.

(Rasura-se a palavra FIM e dá-se continuação às aventuras e desventuras de Jonas)



A vida imaginada pode ser a vida vivida por outros. Enquanto imaginamos estamos vivendo. Há dias em que julgamos haver uma conspiração contra nós, que o mundo conspira para nos tramar. Outros dias há nos quais nos resignamos e aceitamos o desemprego, a falta de forças, a infelicidade, a falta de realização, aceitamos tudo e só queremos viver mais um dia, ver o sol de novo no amanhã, realizar qualquer coisa, ler qualquer coisa, apanhar um comboio ou um autocarro para os limites possíveis do nosso território, para que a conspiração se vire de outra maneira e o mundo passe a conspirar coisas boas em nosso favor. Assim, mesmo que sofrendo, aprendemos a deixar andar o barco à deriva, esperando chegar a um porto, a uma praia de uma ilha habitada. Por vezes temos vontade de tomar um transporte para outra dimensão, parece que andamos sonhando no mesmo lugar, que coisas e pensamentos dos outros vieram ter connosco e habitaram a nossa mente durante dias. Por isso, esperamos ter possibilidade de andar, de um lugar para o outro numa terra incendiada e morta que é o nosso corpo, até que possamos dar conta da existência da água, desse elemento vital. Aí chegados, temos garantias de poder esperar reconstruir a nossa existência, como nos dias em que éramos novos e esperançosos demasiado para ver a realidade. Andamos sonhando em pequenos e continuamos fazendo-o, pensando que a realidade é o que pensamos. E se algum mal há nisto é o facto de nos estarmos completamente borrifando para as conquistas, para as aventuras insaciáveis e queiramos talvez firmemente dar conta de uma aventura interior em busca de um equilíbrio que tarda em se impor. Assim sendo, coisas simples pedimos, aquelas que atrás já referimos, conquistas pessoais e sociais, que têm a ver com a simples realização de chegar, ver e vencer, não sem que tenhamos devidamente equacionado os prós e contras da questão. Concordamos com alguém que não conhecemos que não podemos conhecer todo o mundo e talvez não dependa disso a nossa felicidade, mas do quê depende então?, talvez do aceitar e compreender para poder fazer melhor e já que não somos incautos em imaginar como será a nossa vida para mal também não vem mal ao mundo antes pelo contrário pensar como será a nossa vida para bem, que é o que agora mais nos interessa. Assim, procuramos uma ou duas personagens, fazemos uma pesquisa e podemos dizer que tal personagem é nossa mas cedo a abandonamos quando a vemos com letras escritas em favor de outras de sangue novo, talvez seja a lei da vida o escritor ser vampiro das emoções, talvez seja má visão de quem reflecte apenas a realidade, não a pretende questionar muito para além do desejável.

A vida imaginada também pode ser fonte de um livro. Normalmente escreve-se no presente ou tendo por referência o passado. Porque não ter como referência o futuro? Foi assim que Jonas imaginou a vida a partir dos 36 anos. Passava os dias de semana em Lisboa, dormindo em casa sua, era preferível do que deixar-se ficar pela aldeia beirã onde habitavam os pais, pela sua casa perturbada, mudando de cama, levando o seu livro de sonhos com ela aonde quer que fosse. Não iria ao psiquiatra, mas tentaria outros tratamentos para deixar os medicamentos de vez, fosse acupunctura fosse ioga fosse esoterismo ou espiritismo, qualquer coisa que não tivesse a ver com psiquiatras. A Espiral, que frequentara em tempos idos, podia ainda ser uma boa ajuda. Sabia que os seus males de cabeça provinham de várias

causas: falta de lentes adequadas nos óculos, calor, dos dentes, do tabaco, da vida sedentária que levava. Preferia sem dúvida permanecer de semana em Lisboa, companhia decerto que arranjaría, recebendo nos primeiros tempos o rendimento mínimo e a renda do estudante do norte, do que permanecer na aldeia dando-se como esquizofrénico e receber uma pensão de invalidez ou na melhor das hipóteses frequentando um curso em Leiria, para onde tinha de ir às 7 da manhã e regressar ao fim a tarde. Já que não tinha carro, Lisboa, o centro de Lisboa, era o local ideal novamente para passar a semana. Quem sabe meter-se-ia num curso para desempregados, num programa qualquer que lhe garantisse alguma sustentação económica e até um dia podia aspirar a um trabalho. Mas ficar na aldeia, não. Estava fora de causa. Chega um tempo em que deixamos de pôr em causa as coisas, as ideias, os valores. E então compreendemos que nada é perfeito ou que simplesmente não podemos abarcar a perfeição. Jonas iria mesmo pedir a pensão, porque já tinha sofrido o bastante para tal. E porque não podia mais apoiar-se na irmã e na mãe para fazer a sua vida. Uma vida que ainda podia ser imaginada: trabalhando, deslocando-se de casa todos os dias da semana, juntando algum dinheiro para possivelmente comprar um carro, mas antes teria de pagar as suas dívidas, desse por onde desse. Questionar sozinho não é tarefa fácil e é inglória, pois se vê o reflexo negativo das coisas e é como se estivéssemos espetando uma espada em nós mesmos. Naquela manhã do verão de 2006 tudo parecia perder sentido. Os sonhos incomodavam como gretas nos dedos dos pés, a consciência era coisa que tinha uma vida atribulada. Ali retido, bem podia imaginar a vida. Seria a principal ocupação de Jonas, imaginar a vida que podia ter, mas que por muitas razões, não tinha. Talvez não dependesse mais dele ou do seu espírito, que procurava ainda mais e mais nos livros, nos caminhos, no rio que passava por debaixo da ponte, quase seco, onde em criança ia pescar com os amigos. Um dia fazia um calor imenso, estava em cima de um monte de canas à borda do rio e bebia água incessantemente, que gesto tão natural...beber água de uma garrafa. Não havia muitas histórias para contar, o que havia estava enterrado na sua memória de infelicidade que a idade adulta trouxera, essas histórias de uma infância feliz, algo traumática, de uma adolescência difícil onde era raro encontrar amigos, raro eram os amigos que tinham sobrevivido da amizade e hoje quase todos tinham a sua vida de casados. Que fazer senão viver no tempo, um dia após o outro, procurar ter saúde, resignar-se a um destino que afinal era o de tantos outros. Um dia após o outro, as circunstâncias reais não se modificam. Já não há muito a fazer para Jonas, esperar que venha a renda, dar uns passeios a pé, fazer umas corridas, ripar umas músicas da net, copiar uns cd's da biblioteca para ir fazendo a sua fonoteca para ter ambiente para leituras e outras coisas, pouco mais há a fazer. Não estão soltos os desafios da juventude, mas eis senão que um trabalho se precisa para equilibrar os orçamentos e ter alguma independência, pois só assim parece ter importância o que se escreve para quem lê. De facto, ao contrário do que Alberoni refere, é muito importante a vida do escritor para que a sua obra seja conhecida. Não digo lida, mas conhecida em vida deste. Esperar que a morte traga a fama parece ser algo de perfeitamente sinistro e assustador. É no entanto cm falta de inspiração que vive o autor, em procura de personagens para o seu relato, que se

confundam com as que conhece verdadeiramente deste palco da vida. A vida imaginada.

A polícia passa, será fogo ou acidente, será a ambulância ou o carro dos bombeiros. O que se passa na cabeça de Jonas é sempre reflexo do que se passa à sua volta, com os outros, não quer ele arrogar-se de direitos sobre os seus pensamentos, que não são seus, são apenas os pensamentos que em dada altura tem, são-lhe emprestados por Deus e pelos homens, há que saber usá-los devidamente. É claro que a vida podia ser diferente, principalmente aqueles fins-de-semana em que fica em casa deprimido e não vai jogar à bola porque o podem achar um animal estranho ou não corre porque não vale a pena cuidar da saúde. Dia após dia, contudo, é-lhe dada a oportunidade de viver mais e mais, de ler mais e mais, de reconverter a sua alma a coisas fundamentais, de esquecer os momentos de maior tensão, que já lá vão, que poderiam ter sido passados de outra maneira devido a um conjunto de factores que talvez não esteja ao seu alcance vislumbrar, são estas as poucas palavras que o coração usa para se manifestar, muitas repetidas voluntariamente para enfatizar a procura de Jonas. Simplesmente, não podia sair de casa porque não podia gastar dinheiro. Como sair de casa sem gastar dinheiro, como fazer alguma coisa sem gastar dinheiro? Pode ler-se durante o dia, sem música. Não se gasta dinheiro. Mas enfim, esta conversa não vem ao caso. Debatia-se Jonas no seu espírito de como a presença do obscuro na sua vida fora um entretém que lhe custara caro, talvez a própria felicidade. Por isso, a partir daquele longo ano de 2006, iria tentar recuperar por todos os meios de um caminho óbvio e que parecia ser simples compreender para alguém, mas para Jonas era fonte de muita frustração. Não lhe trouxera conhecimento especial das mulheres, do amor, não lhe trouxera nenhum conhecimento ou técnica especial. Estava sozinho, não fosse a sua mais recente amizade com uma jovem de uma cidade próxima a que daremos o nome de Alfa. Pois esta jovem era diferente de todas as outras que conhecera no sentido em que as outras tinham em relação a ele uma atitude mais ou menos comparável, atitude que era distinta da de Alfa. Jonas ainda não a amava, mas achava que era socialmente mulher para si. Ou talvez a amasse. Talvez não soubesse o que queria. Mas tinha consciência do seu caminho. Nesse caminho o sexo e a religião atravessaram-se-lhe no caminho, isto é maneira de dizer, pois parece que com os outros acontece também assim. Foi ele quem deu atenção a uma e outra coisa. E o facto de viver uma vida recatada e solitária, embora vivendo com os pais, nada tinha a ver com isso. Os outros também tinham ânsias, longe ou perto. Decerto que sempre haveria gente mais valente do que Jonas, mas também haveria gente com os mesmos problemas, por vezes mais jovens. Tinha de compreender isso, custasse o que custasse. Fosse como fosse, tinha saudades dos dias calmos de Lisboa, em que passava fins-de-semana escrevendo, vendo montras de centros comerciais, ouvidos vozes ecoadas no metro, pequenas incidências nos seus dias de solitário, de celibatário, Lisboa onde não conhecera muita felicidade e sentia que algo havia ficado incompleto, talvez fosse só impressão, coisas boas e más por lá se passaram naqueles dias em que ia ao Parque de Saúde fingindo a si próprio que fazia uma pesquisa quando estava era tratando da sua saúde. Para bem e para mal. Da galeria no Castelo, do elétrico que

apanhava para lá chegar, dos poucos momentos em que teve oportunidade de por lá fazer vida. Contudo, imaginando a vida, seria ainda possível passar lá a semana, construir um género de vida normal, pois que a casa ainda estava no mesmo lugar e desta vez sabia que depois desse longo ano, sabia com o tinha de se debater e isso era ele próprio e seus medos, a dor de coisas passadas. Jonas sonhava com a corrida no dia seguinte e se estaria preparado. Noutros locais do mundo alguém pensava como ele, alguém o esperava: nos EUA, na Turquia, no Japão. Alguém um dia leria a sua obra e sentir-se-ia solidarizado com este ser que habita um pequeno país da Europa. Se havia um grupo de música algures chamado Rosa Mota, porque não esperar que o seu nome fosse dito e reconhecida a sua obra além-fronteiras? Era algo a que aspirava e sinceramente, não se via em condições de desistir, mesmo que não fosse publicado no seu país. Muitos autores esperaram muito mais tempo ao longo da história geral e da história da sua vida para serem revelados. Talvez Jonas fosse um deles. Clara e Sara eram um casal amigo, que tinham tido recentemente um rebento. Só Jonas continuava sozinho, apesar de ter conhecido algumas mulheres. Aquela que conhecia actualmente, Alfa, talvez não tivesse consciência dos problemas que afligiam Jonas. Mas que problemas eram esses comparados com os de tanta gente? A sua vida era simples e complicada ao mesmo tempo. Exteriormente simples, pois tinha poucos compromissos sociais, mas complicada mentalmente pelos inúmeros enigmas que procurava resolver e que fazia mais ou menos através da escrita. Recentemente, estava lendo bastante. Só tinha pena de não ter poder económico para comprar os livros que tanto desejava ler, mas as bibliotecas das duas cidades mais próximas colmatavam em parte essa necessidade, nem que fosse a sede que tinha de ler clássico e romancistas portugueses contemporâneos. Há muito tempo que se esquecera da poesia, talvez porque a prosa ocupar mais, preocupar mais, talvez por falta de sensibilidade para ler ou de talento para escrever poesia. Seja como, estava um pouco farto de estar em causa, numa vida sedentária, um pouco parecida como Harvey Pekar em *American Splendor*. Só que Jonas não tinha independência económica nem trabalho. O que poderia parecer confuso, porque independência mental tinha até bastante, conseguindo abstrair-se o suficiente do ambiente em que vivia. Mas não o suficiente para escrever um grande romance.

Teria vivido realmente dois anos em Lisboa como pessoa digna. Saía de manhã e chegava a casa ao fim da tarde. Tinha o apartamento num brinco, um pouco como tem agora a casa onde vive. Entrava no corredor, percorri-o, chegava à sala, local onde mais gostava de estar, vendo televisão, olhando os livros, folheando. O pai fora depois de 94 com a camioneta levando os móveis e os livros que tinha em asa dos pais, fazendo a mudança. Em algum tempo o apartamento ficou num brinco. O próprio quarto de Jonas tinha uma larga cama de casal com um édredon azul marinho, uma mesa ampla com o computador e as pastas em que tinha os seus projectos, tudo preparado para levar uma vida condigna. Depois, começou a receber o rendimento mínimo e as coisas complicaram-se. Foi voltando, pedindo ao cunhado que lhe trouxesse de volta os livros e algumas coisas mais. Não ficou praticamente nada no apartamento, apenas o essencial para alguém de fora poder levar as suas coisas e viver por lá. A casa de Lisboa não era um apartamento bem situado com sol

pela manhã, na realidade só um dos quartos tinha o sol pela manhã. Mas Jonas sentia que podia ter ficado mais tempo não tivesse complicado as coisas. Um dia haverá de regressar, se não for para aquela será para outra casa, talvez em Lisboa. Ou num país de língua inglesa ou francesa, viajando como reformado. Para ver as alegrias, o que queria mostrar e não as misérias, o que era a realidade vivida.

ORIGINAL